

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Ana Paula Soares da Silva Gomes

**OUTROS OLHARES: AMPLIANDO O REPERTÓRIO FÍLMICO DE UM GRUPO
DE CRIANÇAS DE 09 A 10 ANOS DA ESCOLA MUNICIPAL RUI DA COSTA VAL**

Belo Horizonte

2015

Ana Paula Soares da Silva Gomes

**OUTROS OLHARES: AMPLIANDO O REPERTÓRIO FÍLMICO DE UM GRUPO
DE CRIANÇAS DE 09 A 10 ANOS DA ESCOLA MUNICIPAL RUI DA COSTA VAL**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação e Cinema, pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Prof^ª. Mestre Clarisse Alvarenga

Belo Horizonte

2015

Ana Paula Soares da Silva Gomes

OUTROS OLHARES: AMPLIANDO O REPERTÓRIO FÍLMICO DE UM GRUPO DE CRIANÇAS DE 09 A 10 ANOS DA ESCOLA MUNICIPAL RUI DA COSTA VAL

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação e Cinema, pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Aprovado em ____ de maio de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Mestre Clarisse Alvarenga - Faculdade de Educação da UFMG

Prof^a. Doutora Célia Abicalil Belmiro - DMTE/Fae/UFMG

RESUMO

Este plano de ação tem por objetivo ampliar o repertório fílmico de um grupo de crianças de 09 a 10 anos da Escola Municipal Rui da Costa Val. Nas linhas seguintes, procurar-se-á transmitir a motivação maior do projeto, a saber, ampliar os horizontes culturais de crianças residentes em uma região periférica, fazendo com que elas entrem em contato com produções cinematográficas menos divulgadas pelos meios de comunicação de massa. Levar o cinema para escola, ofertando além do que os alunos já têm acesso, configura-se como um compromisso dos educadores para a formação cultural de seus alunos e lança a ideia de que a educação do olhar pode ser um caminho trilhado pela escola na busca por desenvolver ou revelar competências e habilidades dos educandos. Para realização desse plano de ação foi organizada uma pequena mostra de curtas-metragens de animação com cinco filmes de uma cinematografia diversificada. A metodologia desse trabalho consistiu em uma programação que permitisse aos alunos assistir a cada um dos filmes selecionados duas vezes. Após cada sessão foram realizados debates e atividades criativas de escrita e desenho sobre os filmes exibidos. Neste trabalho também serão apresentadas as dificuldades e as aprendizagens que tive, ao longo do processo. As correções de rumo, os sucessos e até alguns “fracassos” fazem parte de uma experiência incrivelmente rica, para mim e para as crianças envolvidas.

Palavras-chave: cinema, escola, filmes, educação, olhar, curtas-metragens, mostra, animação

LISTA DE FIGURAS

<i>Figura 1- Entrada da Escola Municipal Rui da Costa Val.</i>	5
<i>Figura 2- Arte em grafite nos muros da escola</i>	5
<i>Figura 3- Crianças assistindo à primeira exibição do curta Histórias da unha do dedão do pé do fim do mundo</i>	20
<i>Figura 4- Meu olhar sobre o filme Histórias da unha do dedão do pé do fim do mundo: aluna S.N.C.</i>	21
<i>Figura 5- Meu olhar sobre o filme Histórias da unha do dedão do pé do fim do mundo: aluna T.J.O.</i>	22
<i>Figura 6- Comentário sobre o filme Histórias da unha do dedão do pé do fim do mundo: aluna T.J.O</i>	23
<i>Figura 7- Meu olhar sobre o filme Cordas: aluna A.P.C.</i>	26
<i>Figura 8- Meu olhar sobre o filme Cordas: aluna J.V.S.</i>	27
<i>Figura 9- Meu olhar sobre o filme Cordas: aluna T.J.O</i>	28
<i>Figura 10- Meu olhar sobre o filme Rua das Tulipas: aluno G.H.S</i>	29
<i>Figura 11- Meu olhar sobre o filme Rua das Tulipas: aluna P.C.G.</i>	30
<i>Figura 12- Meu olhar sobre o filme Rua das Tulipas: aluna S.N.C</i>	31
<i>Figura 13 - Meu olhar sobre o filme French Roast (Padaria Francesa): aluno G.H.S</i>	33
<i>Figura 14- Meu olhar sobre o filme French Roast (Padaria Francesa): aluna A.C.O</i>	34
<i>Figura 15- Meu olhar sobre o filme French Roast (Padaria Francesa): aluno M.L.S</i>	35
<i>Figura 16- Alunos assistindo a primeira exibição do filme Os fantásticos livros voadores do Sr. Morris Lessmore</i>	36
<i>Figura 17- Meu olhar sobre o filme Os fantásticos Livros voadores do Sr. Morris Lessmore: aluna A.P.C</i>	37
<i>Figura 18- Alunos assistindo à segunda exibição do curta Histórias da unha do dedão do pé do fim do mundo</i>	38
<i>Figura 19- Alunos realizando atividades na Biblioteca Menino Maluquinho depois da exibição do curta Histórias da unha do dedão do pé do fim do mundo</i>	39
<i>Figura 20- Alunos lendo livros após a realização das atividades</i>	39
<i>Figura 21- Meu olhar sobre o filme Histórias da unha do dedão do pé do fim do mundo: comentário escrito da dupla de alunos P.J.P. e D.G.G</i>	40
<i>Figura 22- Alunos assistindo à segunda exibição do curta Cordas</i>	41
<i>Figura 23- Meu olhar sobre o filme Cordas: comentário escrito da dupla de alunas T.J.O. e P.C.G.</i>	42
<i>Figura 24- Meu olhar sobre o filme Rua das Tulipas: comentário escrito da dupla de alunas P.C.G. e N.G.S.</i>	43
<i>Figura 25- Alunos assistindo à segunda exibição do curta French Roast (Padaria Francesa)</i>	45
<i>Figura 26- Meu olhar sobre o filme French Roast (Padaria Francesa): comentário escrito da dupla de alunos M.L.S. e P.J.P.</i>	45
<i>Figura 27- Alunos assistindo a segunda exibição do curta Os fantásticos livros voadores do Sr. Morris Lessmore</i>	47
<i>Figura 28- Atividade de encerramento: aluno M.L.S. fez o desenho do curta de que mais gostou, French Roast (Padaria Francesa)</i>	48

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	1
2. INTRODUÇÃO	3
2.1. IDENTIFICAÇÃO DA ESCOLA	3
2.2. INFORMAÇÕES SOBRE O BAIRRO	3
3. O PROJETO	6
3.1. JUSTIFICATIVA	7
3.2. SUJEITOS ENVOLVIDOS NO PROJETO	10
3.3. METODOLOGIA	12
3.4. OS CRITÉRIOS DE ESCOLHA DOS CURTAS	14
4. DESENVOLVIMENTO DO PROJETO	16
4.1. ENCONTRO INICIAL: APRESENTAÇÃO DO PROJETO	16
4.2. 1ª EXIBIÇÃO: CURTA HISTÓRIAS DA UNHA DO DEDÃO DO PÉ DO FIM DO MUNDO	17
4.3. 1ª EXIBIÇÃO: CURTA CORDAS	23
4.3. 1ª EXIBIÇÃO: CURTA RUA DAS TULIPAS	28
4.4. 1ª EXIBIÇÃO: CURTA FRENCH ROAST (PADARIA FRANCESA)	31
4.5. 1ª EXIBIÇÃO: CURTA OS FANTÁSTICOS LIVROS VOADORES DO SR. MORRIS LESSMORE	35
4.6. 2ª EXIBIÇÃO: CURTA HISTÓRIAS DA UNHA DO DEDÃO DO PÉ DO FIM DO MUNDO	37
4.7. 2ª EXIBIÇÃO: CURTA CORDAS	40
4.8. 2ª EXIBIÇÃO: CURTA RUA DAS TULIPAS	42
4.9. 2ª EXIBIÇÃO: CURTA FRENCH ROAST (PADARIA FRANCESA)	43
4.10. 2ª EXIBIÇÃO: CURTA “OS FANTÁSTICOS LIVROS VOADORES DO SR. MORRIS LESSMORE”/	46
ENCERRAMENTO DO PROJETO	46
5. AVALIAÇÃO	49
5.1. PRIMEIRA FASE	49
5.2. SEGUNDA FASE	51
5.3. CONCLUSÕES	53
6. REFERÊNCIAS	56
7. FILMOGRAFIA	56
8. ANEXO A: MODELOS DE AUTORIZAÇÕES	57
9. ANEXO B: SINOPSE DOS CURTAS-METRAGENS EXIBIDOS	59
10. APÊNDICE A : ENCERRAMENTO DO PROJETO – CARTÃO ENTREGUE AOS ALUNOS	61
11. APÊNDICE B: ENCERRAMENTO DO PROJETO – CARTÃO ENTREGUE PROFESSORA	62
12. APÊNDICE C: CATÁLOGO ILUSTRADO DA 1ª MOSTRA DE CURTAS-METRAGENS DE ANIMAÇÃO DA BIBLIOTECA MENINO MALUQUINHO	63

Dedico este trabalho a professora Ana Paula de Moura e seus alunos que, durante quatro meses, embarcaram comigo nessa encantadora experiência cinematográfica e educacional que envolveu emoção, diversão e reflexão.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por todas as bênçãos concedidas.

A Erinilton, meu grande companheiro e amado marido, pela compreensão, paciência e interesse pelo meu projeto.

As minhas amadas, mãe Vanda e avó Lili, pela torcida e apoio.

A professora Ana Paula de Moura e seus alunos que aceitaram com grande alegria fazer parte deste projeto.

A minha orientadora Clarisse Alvarenga pelas preciosas intervenções e pela aprendizagem proporcionada ao longo desse processo.

Aos excelentes professores do curso de educação e cinema que com muita dedicação e enorme conhecimento puderam nos fazer enxergar novas possibilidades para a construção de uma sociedade mais justa.

A todos os colegas do LASEB pelos momentos de descontração, pelas trocas de experiências e aprendizados.

A querida amiga Maria Aparecida pelas caronas, conversas e saberes compartilhados.

As queridas amigas Helinara e Patrícia Sá, por todos os momentos vivenciados juntas na EMRCV e no LASEB.

A toda equipe do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação
FAE/LASEB/UFGM.

À PBH/SMED pela oportunidade.

Olhando,
Imaginamos mistérios.
Olhar é fantasiar
sobre aquilo que está escondido
atrás das coisas.
Quando olhamos
nós acordamos alegrias, tristezas,
saudades, amores, lembranças,
que dormem em nossos corações.
Os olhos têm raízes pelo corpo inteiro.

Bartolomeu Campos de Queirós

1. APRESENTAÇÃO

Sempre tive um interesse e uma paixão pelo cinema e pelos livros. Esta paixão foi fomentada por filmes exibidos na televisão e obras literárias integrantes do acervo das bibliotecas escolares em que fiz minha formação básica. Este contato privilegiado com as artes despertou em mim o anseio por aliar minha atuação profissional a minhas predileções culturais, desde a adolescência.

Minha meta sempre foi fazer um curso superior que tivesse fortes vínculos com o universo cultural. Elegi o curso de Biblioteconomia para ter a satisfação de contribuir no gerenciamento e disponibilização de acervos para o público em geral. A graduação iniciada no ano de 2006, realizada na Escola de Ciência da Informação da UFMG, proporcionou-me, além do aprendizado da dimensão técnica da profissão, um interessante contato com disciplinas voltadas para literatura e cultura em geral, e, sobretudo, o desejo de trabalhar com públicos diversificados.

Nas horas vagas, fiz-me frequentadora assídua de mostras de cinema e de arte em geral, no circuito cultural de Belo Horizonte. Meu olhar sobre a sétima arte amadurecia paulatinamente. Entendia que o cinema é uma arte não só para os olhos e ouvidos, mas também para a reflexão.

Movida pelo desejo de conhecer melhor este meio de expressão audiovisual, passei a ser leitura assídua de páginas da Internet especializadas em cinema. Lendo críticos com trabalhos publicados *online* pude compreender um pouco melhor sobre linguagem cinematográfica. Também acompanhei assiduamente as resenhas de filmes do caderno cultural do diário *Estado de Minas*. Este contato com a fortuna crítica foi uma proveitosa escola, na qual aprofundi o meu conhecimento sobre a linguagem e descobri fascinantes obras, não divulgadas pelos veículos de comunicação de massa.

No terreno profissional, tornei-me auxiliar de biblioteca da Prefeitura de Belo Horizonte, a partir de janeiro de 2009. Neste cargo, tenho incumbências como catalogação, confecção de fichas de identificação e controle de empréstimo. Mas também sou encarregada de trabalhar na escolha de itens para o acervo, tanto livros como CDs e DVDs, e na execução de projetos de incentivo à leitura junto a crianças e adolescentes de uma região carente da cidade de Belo Horizonte.

No trabalho com crianças dos anos iniciais, o uso de material audiovisual tem sido uma constante em minhas intervenções pedagógicas. Filmes inspirados em livros e em histórias em quadrinhos, além de ser uma experiência de encantamento e de aproximação do universo artístico, contribuem para ampliar o interesse dos jovens alunos pelo mundo da leitura.

Uma experiência muito bem-sucedida e que serve como argumento para sustentar a minha tese que cinema e literatura podem andar de mãos juntas para ampliação do universo cultural de nossas crianças e adolescentes, é um trabalho relativo ao Dia Nacional do Livro, em que exibi, no espaço da biblioteca da escola, o curta-metragem de animação, *Os Fantásticos Livros Voadores do Sr. Morris Lessmore*. Esta obra cinematográfica, em linguagem simbólica, porém acessível e atraente para as crianças, presta uma bela homenagem aos livros e enfatiza a importância da leitura em nossas vidas. Exibir este filme para crianças de uma região carente de opções de lazer e cultura foi uma experiência recompensadora e que, creio eu, cumpriu a função de incentivar o hábito de ler.

Em suma, posso dizer que minha formação acadêmica, minhas leituras, meu contato com diferentes linguagens e artes, não me permitem ver o cinema como uma mera forma de entretenimento. Minha experiência profissional, não me possibilita duvidar do potencial pedagógico da sétima arte. Meu posicionamento como cidadã, não me permite que me acomode em uma sociedade tão profundamente marcada pela desigualdade. Preciso que minha profissão não seja somente uma fonte de renda, mas também minha contribuição para o erguimento de uma sociedade menos injusta.

A educação pública, ao menos teoricamente, deve servir para a redução do abismo existente entre as classes desfavorecidas e os membros da elite. Para tanto, as redes municipais e estaduais de ensino devem ser munidas de profissionais que saibam trabalhar com as diversas linguagens de circulação social, democratizando obras da cultura prestigiada. O cinema talvez seja a maior conquista da humanidade dos últimos séculos e não pode estar fora de uma educação que queira estar em conexão com o mundo real.

2. INTRODUÇÃO

Sou formada em Biblioteconomia pela Escola de Ciência da Informação da UFMG e trabalho como auxiliar de biblioteca na Escola Municipal Rui da Costa Val (pertencente à Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte) há cinco anos, no turno da tarde. Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é resultado de um plano de ação pedagógico desenvolvido com uma turma de alunos da Escola Municipal Rui da Costa Val e que tem como foco o cinema e a educação na busca pela ampliação do repertório fílmico dessas crianças e no desenvolvimento de habilidades criativas a partir da exibição desses filmes.

2.1. Identificação da escola

A Escola Municipal Rui da Costa Val fica localizada no Bairro Conjunto Felicidade (Região Norte de Belo Horizonte) e foi inaugurada e municipalizada no dia 24 de março de 1992, tendo, portanto vinte e dois anos de existência. Tem como patrono o ex-vereador e deputado estadual, hoje falecido, Rui da Costa Val.

Seu espaço físico, estruturado em dois pavimentos, conta com quinze salas de aula, duas quadras de esportes, uma biblioteca, sala para coordenação, sala para direção, sala de professores, secretaria, banheiros, cantina, sala de vídeo, laboratório de informática e um grande pátio. Atualmente atende cerca de 600 alunos do 1º ao 3º ciclo (faixa etária dos 06 aos 14 anos) e também possui 03 turmas de Educação de Jovens e Adultos (EJA), no turno da noite.

2.2. Informações sobre o bairro

O Conjunto Felicidade se formou em 1987 no loteamento construído sob o terreno da antiga Fazenda Tamboril, desapropriada pela Prefeitura de Belo Horizonte (PBH), em 1986. A área concentra vários conjuntos habitacionais para a população de baixa renda. O assentamento foi promovido pela Secretaria Municipal de Ação Comunitária (SMAC), na Administração Sérgio Ferrara, com recursos da Secretaria Nacional de Ação Comunitária (SEAC).

A ocupação foi motivada por reivindicação da Associação de Moradores de Aluguel de Belo Horizonte (AMABEL). Os lotes foram doados à população inscrita e distribuídos

através de um sorteio feito pela AMABEL, com a ajuda do Padre Piggi, que também atuava na região do bairro 1º de Maio. Ocuparam o local, famílias dos bairros 1º de Maio, Aarão Reis, Suzana, Floramar, São Bernardo, Lagoa e região, indicadas pela AMABEL e pelo Padre Piggi. Moradores do Conjunto contam que o referido sacerdote teve papel fundamental, na atuação junto à AMABEL e à PBH, desde a desapropriação do terreno até a formação do loteamento. Na época, a atuação da AMABEL na área fez com que o Conjunto fosse apelidado de MABEL.

Os estudantes que concluem o ensino fundamental migram para as escolas dos bairros vizinhos para concluírem os estudos. O bairro é considerado a segunda área de maior pobreza da região metropolitana de Belo Horizonte e apresenta graves problemas como altos índices de desemprego, violência, baixa renda per capita e descuido com o meio ambiente. Parte das ruas está sem iluminação e calçamento. Os problemas sociais da região se refletem em toda comunidade escolar. O que se vê é um clima de descontentamento por parte de direção, professores, pais e alunos. Descontentamento que além de prejudicar o processo de aprendizagem escolar dos estudantes, também interfere na qualidade das relações entre os próprios alunos e destes com seus professores e os demais funcionários da escola. Tanto a direção como o grupo discente estão cientes de que a arte pode ser um fator transformador dessa realidade e são diversos os projetos que buscam aproximar crianças e adolescentes da literatura, da música, da dança, do teatro e das artes plásticas. Nesse contexto, o cinema é uma arte pouco explorada pelos professores, sendo utilizado, na grande maioria das vezes, somente para elucidar conteúdos da grade curricular ou como entretenimento desprovido de intencionalidade elaborada. Como enfatiza Rosália Duarte:

(...) geralmente, a escolha dos filmes que são exibidos em contexto escolar dificilmente é orientada pelo que se sabe sobre cinema, mas, sim, pelo conteúdo programático que se deseja desenvolver a partir ou por meio deles. Nesse caso, o filme não tem valor por ele mesmo ou pelo que representa no contexto da produção cinematográfica como um todo: vale pelo uso que podemos ou não fazer dele em nossa prática pedagógica. (DUARTE, 2009, p.71)

O cinema é uma criação humana que começou como mero entretenimento e que depois foi revestido de arte graças aos esforços de talentosos e visionários cineastas. Muitas vezes, foi usado como instrumento ideológico conservador. Entretanto, a arte cinematográfica é superior ao uso questionável que aqueles que ocupam as posições mais altas do edifício social, em diversas oportunidades, fizeram dele.

É um tesouro humano que serviu de veículo de comunicação para uma quantidade inumerável de grandes artistas ao redor do mundo. As diferentes cinematografias são retratos

culturais das mais variadas nações. Assistir é desenvolver ou aprimorar diversas capacidades de imaginação, criação ou reflexão, seja com a mediação do professor ou em momentos de fruição extraescolares. Muitos filmes são de tal forma depositários de valor artístico e cultura que assisti-los é uma verdadeira formação que complementa e ilumina a formação escolar tradicional.



Figura 1- Entrada da Escola Municipal Rui da Costa Val.



Figura 2- Arte em grafite nos muros da escola

3. O PROJETO

Há um movimento que visa incluir, cada vez mais, o cinema no processo educacional. Exemplo disso é o recente projeto de lei que torna obrigatório a exibição de películas nacionais nas escolas brasileiras¹. Porém muito antes desse projeto, que possui um objetivo mais específico de apoio à cinematografia nacional, havia por parte dos professores brasileiros uma utilização considerável de filmes com finalidade pedagógica. Se esse uso é realmente efetivo no processo ensino-aprendizagem, não cabe ser discutido agora. O que se tentará apresentar nas próximas linhas são argumentos que defendem a importância da Sétima Arte, para jovens cidadãos em formação, isto é, as crianças e adolescentes.

A arte, de uma maneira geral, é um espelho do ser humano com suas angústias, medos, sentimentos, tanto os mais nobres como os mais mesquinhos e também com seu enorme potencial criativo. A cultura, vasto universo da qual a arte é parte integrante, tem um enorme potencial civilizatório. Em uma sociedade que almeja ser cada vez mais democrática como a brasileira, a cultura é um elemento que pode está a serviço de uma pedagogia popular de questionamento das desigualdades e do empoderamento dos oprimidos.

O cinema é, da grande árvore cultural, um dos galhos mais jovens e com maior alcance junto à juventude. Uma descrição escrita da Idade Média, por mais eficiente que seja o autor, pode resultar impenetrável para esta geração mais afeita ao audiovisual, ao passo que o cinema é capaz de apresentar ótimas representações visuais de qualquer período histórico. Ou seja, o cinema possui potencialidades pedagógicas de valor inestimável, pois a reconstituição histórica é apenas um dos exemplos que podem ser citados como comprovação do poder educacional dessa arte.

Para além da utilidade que se pode constatar no uso escolar do cinema acima citada, não se pode menosprezar a importância do cinema como estímulo à imaginação e como fomentador do desenvolvimento de sensibilidades artísticas e humanitárias. Como endossa Adriana Fresquet:

Oferecer grupos de filmes (diversificados no que concerne a gêneros e épocas), selecionados por alguém com certa experiência e cultura cinematográficas constitui uma possibilidade de introduzir esses filmes na biografia pessoal dos estudantes da escola. Sabemos que esse encontro com o cinema é sempre pessoal, íntimo, mas a possibilidade de oferecê-lo coletivamente no contexto escolar amplia e diversifica as formas que ele pode ter. (FRSQUET, 2013, p. 47.)

¹ [LEI Nº 13.006](#), de 26 de Junho de 2014 Obriga a exibição de filmes de produção nacional nas escolas de Educação Básica.

Crianças e adolescentes que possuem o privilégio de frequentar salas de cinema e de consumir filmes em casa têm acesso a uma parcela considerável da cultura privilegiada. Mais ainda, o contato com filmes que vão além do cinema dito comercial, que ousam mais artisticamente e apresentam maior elaboração formal e profundidade temática, faz com que tenhamos um universo de jovens menos suscetível á manipulação dos poderosos e aos preconceitos de variadas espécies.

Importante destacar que a proposta de iniciar as crianças em um tipo de cinema não comercial não tem qualquer relação com arrastá-las do lugar comum para outro lugar. Uma proposta de formação do gosto parte exclusivamente do encontro com a alteridade fundamental da obra de arte, com o desconforto e o choque que ela provoca. (FRESQUET, 2013, p. 49)

Sendo assim, a partir das minhas observações acerca das preferências fílmicas dos estudantes, das conversas sobre cinema que tive com eles, de leituras sobre o assunto e das aulas ministradas no curso de especialização em educação e cinema, surgiu o plano de trabalho que deu origem ao projeto “Outros olhares: ampliando o repertório fílmico de um grupo de crianças de 09 a 10 anos da Escola Municipal Rui da Costa Val”. A proposta do projeto foi apresentar aos alunos, através de uma pequena mostra de curtas de animação, novas experiências fílmicas. O entendimento de que o cinema pode ser uma arte transformadora, que possibilita novas formas de ver, pensar, criar e recriar o mundo em que vivemos, norteou esse projeto. Como enfatizam Inês Teixeira, Jorge Larrosa e José Lopes:

Ninguém disse que o cinema é somente um artefato para se contar histórias. Quiçá, pudesse-se dizer que, no cinema, do que se trata é a educação do olhar. De precisá-lo e de ajustá-lo, de ampliá-lo e de multiplicá-lo, de inquietá-lo. O cinema abre-nos os olhos, os coloca na justa distância e os põe em movimento. (TEIXEIRA, LARROSA e LOPES, 2014, p.12)

3.1. Justificativa

Nas várias conversas que surgem com os estudantes percebi que eles têm vasto acesso às produções cinematográficas da Disney e de outros grandes estúdios de renome mundial, bem como aos filmes cômicos brasileiros produzidos pela Globo Filmes. Alguns vão ao cinema com suas famílias e amigos, mas a grande maioria consegue cópias não autorizadas de

películas que ainda nem saíram das salas de cinema. Esse contexto confirma o que diz Rosália Duarte:

Ao que parece, a videofilia dessas crianças se expressa na quantidade de filmes que veem, na regularidade com que o fazem e no empenho em acompanhar, atentamente, todos os lançamentos, o que faz com que adquiram, com frequência, cópias não autorizadas, em DVD, de filmes que ainda estão em cartaz no cinema, aos quais não podem assistir na sala de exibição. O amor pelo cinema, aqui, se expressa mais na quantidade do que na qualidade do que se vê. (DUARTE, 2009, p.81.)

A escola, em que trabalho, usa a verba destinada a excursões para levar os alunos ao cinema pelo menos duas vezes ao ano, sem falar nos DVDS que são comprados ou alugados para serem exibidos para as turmas. No entanto, o contato com o cinema que a escola proporciona aos discentes é bastante restrito ao chamado cinema comercial, ou seja, grandes produções que repetem velhas fórmulas já consagradas, sem trazer inovações na dimensão artística. Essa situação é bastante problemática e traz muitos prejuízos para os estudantes. Como bem lembra Bergala:

Ser privado de assistir a filmes de qualidade durante a infância significa perder uma possibilidade que não terá como acontecer com a mesma intensidade mais tarde. É como se as impressões produzidas nos primeiros anos pelo cinema deixassem uma marca inesquecível na memória afetiva pessoal. Os filmes achados tarde demais permanecerão parcialmente não revelados”. (2006, p. 62)

A maioria dos professores também utiliza o cinema em sala de aula para elucidar os conteúdos das disciplinas ministradas, sem contribuir, contudo, com a apresentação de novas estéticas que favoreçam a ampliação dos horizontes fílmicos e a emancipação intelectual dos estudantes. De modo geral, percebo que a mídia hegemônica e a própria escola não demonstram preocupação em proporcionar aos alunos o acesso a obras cinematográficas de maior elaboração e de conteúdo mais desafiador. Não há, portanto, uma tradição de se tentar qualificar a recepção cinematográfica do grupo discente da Escola Municipal Rui da Costa Val, principalmente no que tange às crianças e adolescentes. Nesse sentido, Rosália Duarte considera que:

Certamente não há nenhum problema em utilizarmos filmes em nossas aulas. O problema consiste em ignorarmos o valor e a importância deles para o patrimônio artístico e cultural da humanidade. De uma forma geral, quando usamos textos literários como recurso didático dispomos de algum conhecimento de literatura para orientar as escolhas que fazemos, o modo como vamos apresentá-lo e a definição de nossos objetivos. Assim, mesmo que não tenhamos uma noção mais ampla do lugar ocupado pela poesia de João Cabral de Melo Neto no contexto literário brasileiro, sabemos informar o valor cultural de *Morte e vida severina* quando propomos sua leitura em uma aula (...)(DUARTE, 2009, p.71)

Essa falta de comprometimento se dá principalmente pelo insuficiente conhecimento do cinema por parte dos próprios profissionais da educação. Assim como os alunos, muitos educadores apreciam e assistem a inúmeros filmes, entretanto não tem repertórios diferenciados e desconhecem o valor do cinema como arte capaz de impulsionar a busca pela alteridade e poder de transformação individual e social. O cinema é uma aventura sensorial, em que imagem, som, luzes e cores fazem com que o expectador trabalhe a cognição e a sensibilidade na busca de significados para aquilo que está sendo visto. Os educadores em seus cursos de formação, de maneira geral, têm pouco ou nenhum contato com disciplinas que possuem a arte cinematográfica como foco. Acrescenta-se a isto o espaço pouco privilegiado que as produções de teor independente ou de maior preocupação artística possuem em termos de divulgação e acessibilidade ao grande público. De fatores como esse resulta que os professores, de uma maneira geral, não estão capacitados para aprimorar a recepção de obras fílmicas mais densas por parte dos alunos.

(...) O consumo mais ou menos regular de filmes por parte de alunos e professores e a existência de aparatos técnicos para exibí-los não determinam o modo como eles são utilizados. Embora valorizado, o cinema ainda não é visto pelos meios educacionais como fonte de conhecimento. Sabemos que arte é conhecimento, mas temos dificuldade em reconhecer o cinema como arte (com uma produção de qualidade variável, como todas as demais formas de arte), pois estamos impregnados da ideia de que cinema é diversão e entretenimento, principalmente se comparado a artes “mais nobres”. Imersos numa cultura que vê a produção audiovisual como espetáculo de diversão, a maioria de nós, professores, faz uso dos filmes apenas como recurso didático de segunda ordem, ou seja, para “ilustrar”, de forma lúdica e atraente, o saber que acreditamos estar contido em fontes mais confiáveis. (DUARTE, 2009, p.71)

O cinema, talvez a mais jovem das grandes artes, é sobejamente rico para ser restrito a sua faceta industrial ou para ser mero material ilustrativo de unidades do currículo escolar. Não defendo aqui o desprezo pelo cinema comercial, que não raras vezes, prima pela qualidade de suas narrativas e produções. A grande questão, a meu ver, é oferecer ao aluno a possibilidade de ver outros filmes além dos que ele tem acesso no meio familiar e social em que está inserido. Segundo Duarte (2009, p. 83.):

O gosto pela arte cinematográfica é fruto do conhecimento e da intimidade com essa arte e se constrói ao longo de muitos anos de fruição, contato e envolvimento com filmes. Aprende-se a apreciar filmes e desenvolver critérios de julgamento na companhia de quem já aprecia cinema, transitando por ambientes em que essa prática é estimulada e valorizada.

Como bem lembra Duarte (2009, p.16) “ver filmes, é uma prática social tão importante, do ponto de vista da formação cultural e educacional das pessoas, quanto à leitura

de obras literárias, filosóficas, sociológicas e tantas mais.” A sétima arte é uma conquista do ser humano e um espelho privilegiado em que vemos refletidas tanto a genialidade humana como as suas maiores mazelas, tanto a doutrinação ideológica mais conservadora como os grandes gritos libertários. Conhecer o cinema além do que é ofertado pelas grandes mídias é um direito de todos e as instituições escolares devem despertar para esta necessidade. Duarte (2009, p.14) define muito bem a importância do cinema na nossa sociedade:

(...) Ir ao cinema, gostar de determinadas cinematografias, desenvolver os recursos necessários para apreciar os mais diferentes tipos de filmes etc., longe de ser apenas uma escolha de caráter exclusivamente pessoal, constitui uma prática social importante que atua na formação das pessoas e contribui para distingui-las socialmente. Em sociedades audiovisuais como a nossa, o domínio dessa linguagem é requisito fundamental para se transitar bem pelos mais diferentes campos sociais.

Acredito que a arte, tratando aqui especificamente do cinema, pode se tornar um meio de compreensão e interpretação do mundo em que vivemos, contribuindo positivamente para a formação de cidadãos conscientes e com sensibilidade artística ampliada. Faz parte das funções dos educadores propiciar uma formação cultural ampla aos seus educandos, que englobe não apenas os conteúdos mais pragmáticos, mas também um despertar para o valor da arte cinematográfica como um tesouro da humanidade, tal como as grandes obras da literatura mundial. Duarte (2009, p.82) cita Bergala, no livro, *A hipótese cinema* (2008) para enfatizar o quanto a escola pode contribuir para a formação estética de expectadores:

O papel a ser desempenhado pela escola nesse processo é o de favorecer o encontro de jovens expectadores com bons filmes- aqueles de reconhecido valor artístico e cultural, fruto de roteiros bem elaborados e bem filmados, com a densidade e complexidade que caracterizam as obras-primas (...) Encontros desse tipo, também propiciados por mostras e festivais de cinema, tendem a “quebrar” a lógica do gosto constituída na relação quase exclusiva com filmes feitos a partir do mesmo padrão estético e narrativo – o padrão do cinema hollywoodiano, hegemônico hoje no mercado mundial.

O educador não pode privar os meninos e meninas de assistirem aos clássicos do cinema internacional e brasileiro, nem às obras contemporâneas realizadas fora do circuito de Hollywood. Expandir as possibilidades de cinema dos alunos se configura como uma missão do educador comprometido com a formação social, humana e intelectual dos discentes.

3.2. Sujeitos envolvidos no projeto

O projeto foi desenvolvido com uma turma de vinte e quatro alunos do terceiro ano do primeiro ciclo das séries iniciais da Escola Municipal Rui da Costa Val (sala quatorze, do turno da tarde). O desenvolvimento das ações ocorreu durante quatro meses, uma vez por semana (cinquenta minutos de aula, gentilmente cedidos pela professora de referência da turma), entre agosto e dezembro de 2014, durante o período compreendido entre o dia 04/08/2014 e o dia 04/12/2014. Devido a diversas situações imprevistas que ocorreram na escola, o cronograma teve que ser alterado, o que gerou um atraso no fim das atividades, que estavam previstas para terminarem no dia 28 de novembro. O projeto seguiu as diretrizes descritas no plano de trabalho que foi previamente aprovado pela professora orientadora Clarisse Alvarenga.

Essa turma foi escolhida devido a minha afinidade com a professora e seus alunos. Percebo que essa professora é uma apaixonada por literatura e está costumeiramente na biblioteca à procura de algum livro interessante para trabalhar com seus alunos e também para leitura pessoal. Durante esses cinco anos em que trabalho na escola, ela frequentou a biblioteca regularmente com todas as turmas em que lecionou. É uma professora que tem o perfil de despertar em seus alunos o gosto pela literatura, através de projetos em sala de aula e também de visitas à biblioteca. Desde o ano passado, essa professora trabalha com a mesma turma. Vários projetos de incentivo à leitura e à escrita foram desenvolvidos com esses alunos dentro da biblioteca. Minha relação com essas crianças é muito boa. Os alunos dessa sala são os que mais frequentam a biblioteca e conheço cada um deles pelo nome. Apesar de todo o esforço pedagógico da professora, e dos demais profissionais que atuam na escola, essa turma apresenta alguns alunos com extremas dificuldades de leitura e escrita. Isso se repete em outras turmas e é um grande desafio para os profissionais da educação, sobretudo aqueles que lecionam nos anos iniciais. Os alunos que apresentam dificuldades de escrita e leitura são selecionados e participam de um projeto de intervenção pedagógica de português (PIP de português)² no próprio turno em que estudam, com outra professora. Esses alunos se ausentam da sala de aula durante o período de um horário (cinquenta minutos) para receber esse atendimento específico para suas dificuldades e depois retornam à sala de aula. O PIP contempla a formação continuada dos professores e avaliações periódicas para o diagnóstico da aprendizagem dos estudantes. Esse projeto foi extinto no fim do ano letivo de 2014. Os

² Geralmente, participam do PIP as crianças que demonstram um diagnóstico comprometido com algumas dificuldades que já deveriam ter sido superadas nesse nível de ensino como: traçar a própria letra do nome, reconhecer o próprio nome, identificar as letras do alfabeto, dentre outras.

alunos da sala quatorze que apresentam essa dificuldade em desenvolver habilidades de leitura e escrita fazem parte desse projeto.

Sendo assim, a partir de observações e conversas com a professora da turma e os alunos, percebi na sala quatorze um ambiente favorável para desenvolver o meu projeto de educação do olhar. Então, logo que meu plano de trabalho ficou pronto, mostrei para a professora e fiz a proposta de realizar o projeto com sua turma. Falei sobre cada um dos curtas que seriam exibidos e expliquei a metodologia que seria utilizada. A professora gostou da ideia e se dispôs a ceder uma aula por semana (cinquenta minutos) para realização das exposições dos curtas, discussão sobre eles e atividades de ilustração e escrita. Ficou acertado que as atividades poderiam acontecer sempre às sextas-feiras no primeiro horário, a partir das 13h30min depois da entrada dos alunos na escola e da oração que é feita na sala de aula com eles. É senso comum na escola que no primeiro horário os alunos estão mais relaxados e propensos à concentração. Após o recreio e educação física, por exemplo, diz-se que os alunos ficam mais agitados e pouco concentrados.

3.3. Metodologia

Foram selecionados cinco curtas de animação infantil para realização de uma mostra a qual dei o nome de “1ª Mostra de curtas da Biblioteca Menino Maluquinho”, fazendo referência ao nome da biblioteca da escola. Foi previsto que os curtas e as discussões sobre eles aconteceriam na sala multimídia da escola, que possui uma televisão de 60 polegadas e um *home theater*. Para tentar compreender o máximo possível o olhar dos alunos sobre aqueles curtas que seriam exibidos e também para proporcionar a eles uma experiência fílmica mais enriquecida, dividi a mostra em dois momentos: no primeiro momento foram realizadas as primeiras exposições dos cinco curtas selecionados, no segundo os mesmos curtas foram exibidos novamente. A ordem da programação foi a mesma das primeiras exposições.

As primeiras exposições foram pensadas para apresentar o curta aos alunos e lançar a “semente” das novas possibilidades fílmicas, o desejo e a curiosidade por conhecer novas cinematografias e o despertar do potencial criativo dos alunos. As segundas exposições foram pensadas para permitir que eles revissem o curta, talvez com mais calma, com menos ansiedade de entender a história e assim permitir o aparecimento de novas questões, novas inquietações, novos “olhares” sobre um filme visto pela segunda vez. Como endossa Fresquet:

Um bom filme, mesmo que não seja completamente inteligível para uma criança, pode produzir um intenso prazer, uma dúvida, uma intuição e um forte desejo de ver e rever. Rever é tão ou mais importante que ver, tanto os filmes do cinema, como os próprios exercícios.
(2013, p.49)

A realização das atividades criativas nas duas exposições foi feita justamente para que eu entendesse a diferença em cada um dos processos de percepção deles sobre o filme de uma forma mais concreta do que os debates que eram realizados ao final de cada exposição. Após todas as exposições, tanto da primeira vez quanto da segunda foi previsto uma discussão sobre o curta com os alunos. A discussão seria um bate papo informal, com previsão de duração de cerca de quinze minutos. O objetivo dessa conversa era de que as minhas perguntas girassem em torno das impressões deles sobre a história, da trilha sonora, das imagens e cores apresentadas e o que eles acharam daquele curta. Eu daria liberdade para que eles se expressassem livremente, sendo que a única condição estabelecida seria a de que falassem um de cada vez, levantando a mão quem quisesse falar, para facilitar meu entendimento.

Após a discussão sobre os curtas, o plano previa que todos se dirigissem para a biblioteca onde seria entregue para cada aluno duas folhas com o nome da mostra e os títulos: “meu olhar sobre o filme” em uma delas e “meu comentário sobre o filme” em outra. As folhas não teriam nenhuma instrução de como realizar as atividades, somente constaria nelas o título já mencionado. Toda vez, antes dessa atividade, eu explicaria para os alunos que eles poderiam fazer na folha com o título “meu olhar sobre o filme” um desenho sobre o curta, que revelasse uma cena ou imagem que fosse mais marcante para eles. Na folha com o título “meu comentário sobre o filme” eles escreveriam de 03 a 05 linhas (podendo estender, caso o aluno achasse necessário) sobre o curta visto, como, por exemplo, se gostaram ou não, os motivos porque apreciaram ou deixaram de apreciar, ou descrever a parte que acharam mais legal, mais chata, e os motivos dessa escolha. O objetivo inicial era de que todos os encontros, inclusive as repetições, seguissem esse mesmo esquema: exposição do curta, discussão e atividade na Biblioteca. O tempo inicial dessas atividades, incluindo as exposições, foi previsto para cinquenta minutos (uma aula).

A proposta do projeto previa que ao final de todas as exposições e atividades fosse elaborado um catálogo da mostra a partir das produções dos alunos. Ao todo, foram previstos no plano de trabalho doze encontros, sendo que no primeiro foi programada a apresentação do projeto aos alunos e o último foi previsto o encontro de encerramento, em que haveria uma

sessão pipoca de um curta ou longa ,que não tivesse sido exibido na mostra, e que fosse escolhido pelos próprios alunos dentre três opções que eu apresentaria.

3.4. Os critérios de escolha dos curtas

Essa mostra consiste em apresentar curtas de animação de uma cinematografia diversificada tanto nas temáticas abordadas, quanto em relação aos países de origem, sendo que o único critério comum a todos os curtas selecionados é o respeito à indicação etária. Como não sou professora e dispunha de apenas um horário para as exibições e atividades, achei que os curtas seriam uma boa opção para aproveitar da melhor maneira possível esse momento com os alunos.

Optei por escolher curtas com pouco ou nenhum diálogo, que possibilitassem através das imagens, da trilha sonora e dos roteiros, a fruição intelectual e a análise criativa desses filmes. Com exceção do curta-metragem *Os fantásticos livros voadores do Sr. Morris Lessmore*, que foi contemplado com Oscar de melhor curta-metragem de animação em 2012, os outros quatro curtas não tiveram grande destaque na mídia hegemônica, ficando restritos a circuitos alternativos. A proposta da escolha desses curtas foi apresentar novas possibilidades fílmicas com roteiros bem desenvolvidos e algum elemento poético, lírico ou bem humorado que possibilitasse a conexão daquela turma com o curta. Filmes em que a tecnologia não fosse o carro chefe da produção e que despertassem a emoção, a sensibilidade e o poder de criação daquelas crianças. Com relação à escolha de filmes, para um trabalho com cinema na escola, Fresquet (2013, p.23) considera que:

Aulas de cinema na escola, por exemplo, conseguem sofisticar alguns usos e promovem novas possibilidades para diversificação do gosto, se fizermos escolhas de filmes que produzam certo estranhamento, algum silêncio, que alterem as expectativas do que comumente nos é dado a ver nos cinemas de shoppings e na TV. Filmes que não satisfaçam o gosto imediato. Esse gosto é possível de ser conjugado, sempre com diferentes objetos, em passado, presente e futuro. A educação tem muito a contribuir para ampliar as possibilidades de acesso às obras (em espaço e tempo) e, assim, possibilitar que o gosto de professores e estudantes se reconfigure em função de uma vastidão maior de opções.

Os curtas escolhidos foram:

- *Histórias da unha do dedão do pé do fim do mundo (Histórias da unha do dedão do pé do fim do mundo, Brasil, Dir.: Evandro Salles e Márcia Roth, 2007, 09 minutos)*

- *Cordas* (*Cuerdas*, Espanha, Dir.: Pedro Sólis Garcia, 2014, 10 minutos)
- *Rua das Tulipas* (*Rua das Tulipas*, Brasil, Dir.: Alê Camargos, 2007, 10 minutos)
- *French Roast* (*French Roast*, França, Dir.: Fabrice Joubert, 2008, 08 minutos)
- *Os fantásticos livros voadores do Sr. Morris Lessmore* (*The Fantastic Flying Books of Mr. Morris Lessmore*, Estados Unidos, Dir.: William Joyce, 2011, 15 minutos)

4. DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

Como já foi mencionado anteriormente, no tópico “Metodologia”, esse projeto consistiu em três linhas de ação: exibição do curta, conversa sobre o curta e elaboração de uma atividade criativa (desenhada ou escrita) sobre o curta. Foram realizadas duas exibições de cada um dos curtas selecionados. Todas as exibições, inclusive as repetições seguiram esse método. Essas ações serão relatadas a partir de agora, com a descrição detalhada de cada uma das dez exibições que foram promovidas no âmbito dessa pesquisa. Todos esses relatos foram extraídos do diário de bordo que construí ao longo desses quatro meses de trabalho. As fotografias na sala de vídeo foram tiradas da minha visão do fundo da sala. Não quis posicionar a câmera de forma que os alunos vissem para não provocar uma atitude artificial.

4.1. Encontro inicial: apresentação do projeto

04 de agosto de 2014, segunda-feira

Antes do início do projeto houve um encontro na Biblioteca “Menino Maluquinho” para que eu falasse para os alunos sobre os novos filmes que apresentaria a eles durante os próximos meses e como isso iria acontecer. Disse que esse era um projeto da Biblioteca chamado “1ª Mostra de curtas da Biblioteca Menino Maluquinho”. E que as exibições iriam acontecer uma vez por semana, sempre às sextas-feiras, no primeiro horário. Nesse encontro eu e a professora explicamos como seria a dinâmica das atividades. Expliquei que seriam exibidos cinco filmes curtos de no máximo quinze minutos. E que, depois da exibição desses curtas, gostaria de saber qual foi “olhar” deles sobre o filme, a partir de um desenho e também de um “comentário” escrito sobre o filme. Eu disse a eles que nesse comentário eles poderiam colocar se gostaram muito, pouco ou nada do filme e os motivos. Seria um comentário breve, de no máximo cinco linhas para que no futuro outras pessoas pudessem ler e até mesmo se interessassem em assistir àqueles filmes.

Eu tentei despertar a curiosidade e a motivação deles, dizendo o quanto esses curtas eram legais e interessantes. Os alunos tiveram curiosidade de saber quais filmes eu iria mostrar, mas eu disse que isso era uma surpresa e só seria revelada no dia das exibições.

Também expliquei aos alunos meu interesse de produzir um catálogo da mostra com as produções que eles iriam me entregar. Disse que talvez pudséssemos conseguir que esse

catálogo fosse impresso e ficasse a disposição na biblioteca, para que outras pessoas lessem e tomassem conhecimento dos filmes vistos por eles e da visão deles sobre o que assistiram.

4.2. 1ª exibição: Curta *Histórias da unha do dedão do pé do fim do mundo*

08 de agosto de 2014, sexta-feira

O curta “Histórias da unha do dedão do pé do fim do mundo” é uma animação dirigida por Evandro Salles e Márcia Roth e baseado nos poemas de Manoel de Barros. Num diálogo lúdico entre textos de Barros e desenhos de Salles, a animação vai construindo imagens e sentidos inusitados e poéticos por meio da brincadeira com as coisas e com as palavras.

O filme foi exibido na sala multimeios da escola, um espaço destinado a esse fim. A sala possui três amplas janelas que possuem cortina *blackout*, porém isso é insuficiente para proporcionar uma sala escura, uma vez que em cima da televisão existe uma janela mais alta sem cortina, o que faz com que a sala seja iluminada. A referida sala é um espaço amplo que abriga a sala de vídeo e a sala de informática, sendo que a separação entre as duas se faz por uma divisória de PVC. A sala de vídeo comporta cerca de 50 alunos e possui uma televisão de 60 polegadas, um aparelho de DVD e um *home theater*. As cadeiras da sala de vídeo são cadeiras comuns de sala de aula e não oferecem nenhum conforto aos alunos. Mas o grande problema da sala de vídeo é o servidor de informática da escola que ali está instalado. Esse servidor faz um barulho constante. Embora professores e alunos já estejam acostumados com esse ruído, isso torna o ambiente pouco favorável para exibição de filmes.

Antes da exibição, falei para os alunos de que curta se tratava. Contei que era um filme baseado em poemas de um escritor muito famoso, que morava em uma fazenda no Pantanal cercado de animais e plantas. Durante a exibição, os alunos ficaram muito concentrados e fizeram poucos comentários. Alguns começaram a conversar entre si e foram repreendidos pela professora.

Quando o curta terminou foi aberto o debate e eu apenas pedi para que falassem sobre o filme. Quem tivesse algum comentário a fazer deveria levantar a mão para que o debate ficasse mais organizado e todos tivessem oportunidade de ouvir e falar. Muitos relataram, por exemplo, que acharam interessante a relação do menino do filme com as palavras. O aluno G.H.S. foi o primeiro a relatar que, apesar de não ter brinquedos industrializados, a vida do menino era muito divertida, porque ele conseguia inventar brincadeiras com as palavras.

A maioria dos alunos levantou a mão para se manifestar sobre o filme, demonstrando grande interesse. Notei que as crianças que levantavam a mão queriam se manifestar alguma forma, mesmo que fosse falando algo que o colega acabou de dizer. O aluno P.J.P., bem como vários outros, salientou a cena que começa a sair peixes do bolso do menino como a de que mais gostou.

Observei que os alunos A.C.J e L.F.B., os mais agitados da turma, sentaram-se em uma das últimas fileiras de cadeiras e ficaram o tempo inteiro com a cabeça enfiada na cortina, olhando pela janela e conversando.

A elaboração das atividades foi marcada pelos protestos dos alunos. Primeiro entreguei a folha onde seria escrito o breve comentário sobre o filme. Embora já tivesse sido combinado no encontro inicial que fariam um desenho e um comentário escrito, em folhas separadas, eles se recusavam a escrever, queriam apenas desenhar. Como já mencionei anteriormente, nessa turma poucas crianças escrevem e leem com certa facilidade. A grande maioria delas apenas faz cópia do quadro. Mesmo com os protestos, eu e a professora tentamos convencê-los da forma mais suave possível a escrever algumas linhas. Escreveu quem conseguia escrever. Todos os textos ficaram muito interessantes. O aluno D.G.G., que ainda não escreve e não lê, somente desenhou. A aluna S.N.C. fez um belíssimo desenho do seu olhar sobre o filme. A minha grande surpresa com essa atividade foi com a aluna T.J.O., que não escreve e não lê, mas até aquele momento eu não sabia disso e a professora também não havia comentado nada sobre isso comigo. T.J.O. é uma criança muito extrovertida e gosta muito de falar e se manifestar em relação a tudo. Também é muito carinhosa e gosta de me fazer elogios e me cumprimentar com um abraço e um beijo no rosto quando me vê chegando à escola. Toda semana vai à biblioteca pegar livros por empréstimo, juntamente com seus colegas de sala. Ela sempre escolhe os livros com capas mais chamativas ou algum livro que a professora tenha lido na sala anteriormente. Durante o debate deu o seu parecer sobre o filme com muita fluidez. T.J.O. me entregou as duas atividades: o comentário e o desenho. O desenho ficou belíssimo, mas notei que no campo, em que orientei que deveria ser colocado o nome do filme e ditei o nome para que copiassem, ela colocou palavras desconexas. Quando vi o texto que produziu, fiquei chocada. Como não escreve, simplesmente “inventou” palavras. Não só no texto, mas também no campo que pedia o nome dela, o nome da professora e o meu nome. Talvez tenha ficado com vergonha de falar que não é alfabetizada. O fato é que ela, de certa forma, apresentou-me um comentário da forma que sabia fazer. Isso foi muito doloroso para mim. Senti-me muito mal por ter pedido um comentário escrito para

alunos cujo processo de alfabetização desconhecia. Pra mim, foi como se tivesse cometido uma violência simbólica com eles. Os outros alunos que têm dificuldade , apenas fizeram o desenho. Arrependi-me amargamente de não ter conversado sobre o assunto antes com a professora. Como auxiliar de biblioteca, não tenho nenhuma informação sobre como se dá o processo de alfabetização das crianças. O texto que T.J.O. escreveu , mexeu profundamente comigo. No fundo, acho que T.J.O apenas fez o que o menino do filme fazia: brincar de “inventar palavras”, mesmo que essa brincadeira tenha sido motivada pela falta de conhecimento das letras, eu sinto que T.J.O. é uma menina muito inteligente e tem muitas habilidades, pois é muito comunicativa, prestativa e faz desenhos muito bons. Apenas não aprendeu a ler ainda. E tem sede de expressão dentro dela. Se não tivesse, teria feito apenas o desenho como os outros. Sempre quando vai à biblioteca pegar livros, é uma das mais empolgadas. Acredito que a escola vai ajudá-la, assim como os outros que têm a mesma dificuldade, a superar esse desafio. Espero em breve vê-la lendo livros para as outras crianças, divertindo-se com as palavras assim como se diverte desenhando e colorindo. Isso também me incentivou a procurar mais informações sobre letramento e alfabetização, a diferença entre as duas coisas e como a escola pode contribuir para esses processos. Penso que entender isso vai melhorar muito meu trabalho na biblioteca, porque vou poder dar mais suporte aos alunos e professores nessas questões. Entendo que o trabalho dos professores é árduo e mesmo com toda bagagem profissional, boa vontade e conhecimento científico nem sempre é possível dar atenção individual aos alunos que apresentam uma dificuldade de desenvolver certas habilidades em uma sala de aula com vinte e quatro alunos. As histórias de vida desses estudantes também pode ser outro fator que influencia no processo de aprendizagem. Os estímulos que cada um traz de sua própria casa, sem dúvida, interferem no desenvolvimento das habilidades do estudante. Nesse sentido, é de fundamental importância, que além de programas de intervenção pedagógica estabelecidos pela Secretaria Municipal de Ensino, seja frequente na escola a parceria do professor com o profissional que trabalha na biblioteca, pois através desses projetos que fogem a rotina da sala de aula é possível envolver os alunos em um processo de desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita de forma lúdica.

A atividade de elaboração dos desenhos foi ótima, porque eles se empolgaram muito. Eu pedi que eles fizessem um desenho sobre algo do filme que estava na memória deles ou alguma cena da qual mais gostaram. Foi muito interessante a fluidez e a satisfação deles na hora da elaboração desses desenhos, ao contrário dos comentários escritos. Notei muita

diversidade, porém também pontos em comum nessas produções, sobretudo daqueles alunos que se sentaram na mesma mesa, como por exemplo, A.C.J. e L.FB.

A partir desse primeiro dia de trabalho decidi não pedir mais comentários escritos nas atividades dos próximos filmes. Entregaria para eles somente a folha com o título “meu olhar sobre o filme” e pediria o desenho. Quem quisesse poderia escrever uma frase sobre o filme. Tomei essa atitude porque percebi que essa turma fica mais à vontade elaborando desenhos do que produzindo textos escritos. Pedir uma produção textual escrita torna-se constrangedor, pois nem todos vão conseguir. Para evitar a segregação de ter que dividir a sala em dois grupos, um que faz a folha do desenho e a do comentário e outro que faz apenas a do desenho, resolvi abolir a folha do comentário.



Figura 3- Crianças assistindo à primeira exibição do curta *Histórias da unha do dedão do pé do fim do mundo*



Figura 4- Meu olhar sobre o filme *Histórias da unha do dedão do pé do fim do mundo*: aluna S.N.C.

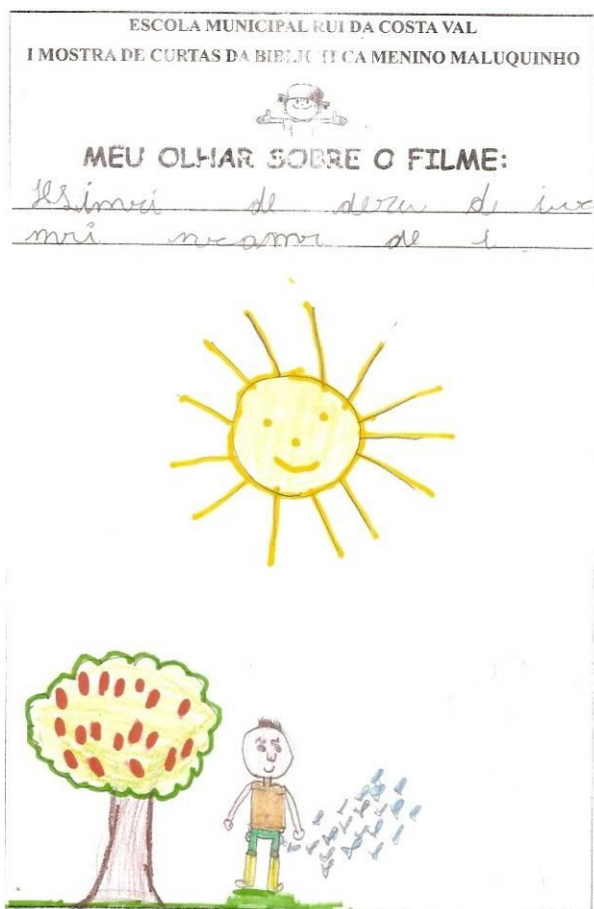



Figura 5- Meu olhar sobre o filme *Histórias da unha do dedão do pé do fim do mundo*: aluna T.J.O.

ESCOLA MUNICIPAL RUI DA COSTA VAL
I MOSTRA DE CURTAS DA BIBLIOTECA MENINO MALUQUINHO



COMENTÁRIO SOBRE O FILME:

Histórias da unha do dedão do pé do fim do mundo

NOME DO ALUNO (A): *Blader*

PROFESSORA: *dimma*

BIBLIOTECÁRIA: *Blomberg*

meio que de juca
meio de menino de garra
passo meio de im
lamou de amor eu
meio menino de limbo

Figura 6- Comentário sobre o filme *Histórias da unha do dedão do pé do fim do mundo*: aluna T.J.O

4.3. 1ª exibição: Curta *Cordas*

15 de agosto de 2014, sexta-feira

Esta animação que está emocionando milhares de pessoas no mundo todo foi baseada na história real do filho do diretor. O filme conta a história da personagem Maria e seu novo amigo no orfanato, um menino com paralisia cerebral. A escolha do curta “Cordas” foi feita pensando especialmente nos alunos da sala 14. Eu quis observar a reação das crianças diante do filme e a identificação deles com a situação vivida ali. Na escola, existem três cadeirantes no turno da tarde, no qual trabalho. A sala 14, especificamente, possui uma aluna cadeirante. Essa aluna, chamada K.F.R., é bastante infrequente. Ela tem uma monitora a sua disposição e quando vai à aula tem o suporte dessa profissional. K.F.R. não fala e não movimentava nenhuma parte do corpo. Tal qual o menino do filme, também possui paralisia cerebral. Nas poucas vezes em que foi à aula, quando estavam sendo exibidos os curtas, e ficava na

biblioteca com a monitora de inclusão, uma vez que fica agitada quando está em ambientes com som alto, como no caso da televisão.

Quando eu anunciei o filme que iríamos assistir, somente uma aluna, S.N.C, levantou a mão e disse que já assistira esse filme em casa. Durante a exibição, eu percebi as crianças muito atentas com o que se passava na televisão e houve pouca conversa paralela. Até os alunos mais agitados, como A.C.J., L.F.B, I.N.S. e R.B.S., demonstraram interesse.

Antes de passar o filme, temi que a percepção deles fosse ficar prejudicada, porque a cópia que disponibilizei estava com o som original em espanhol e legenda em português. Como a maioria da turma ainda não consegue acompanhar filmes legendados, orientei os alunos a não se aterem à legenda e se preocuparem apenas com as imagens, porque assim eles conseguiriam entender a história. A aluna A.P.C., que lê com fluência, disse aos colegas: “é só ler a legenda”, ignorando o fato de muitos ali ainda não estarem nesse estágio de leitura.

A experiência foi maravilhosa. Os alunos não apenas entenderam a história, como se identificaram e se sensibilizaram com o que se passava entre os dois protagonistas da trama. Durante o debate, teceram vários comentários sobre o filme e quase todos afirmaram que o filme é “emocionante”. Relataram que a amizade de Maria com o menino era muito bonita e que Maria fez o menino feliz ao brincar com ele no recreio. O aluno R.B.S. foi o primeiro a relacionar a história com a colega de classe, K.F.R. Ele salientou como ele e seus colegas são solidários com K.F.R., quando ela vai à aula. Contou que há sempre algum aluno da sala querendo ajudar a monitora de K.F.R. com a cadeira de rodas. A aluna A.P.C. ressaltou que a experiência de Maria foi tão boa, que ela até quis ser professora quando se tornou adulta.

A amizade entre os personagens principais do filme (Maria e o menino com paralisia cerebral) realmente é tocante, porque Maria parece ser a única do orfanato que enxerga o menino além de suas limitações físicas. No final da história, depois de muitos momentos de alegria e aprendizados entre os personagens, o menino morre, deixando Maria desolada. A aluna J.V.S. disse que a parte que mais gostou do filme foi a do falecimento do menino. Depois que disse isso, várias outras crianças concordaram. Quando perguntei o porquê de terem gostado dessa parte, J.V.S, bem como outros alunos, respondeu que foi emocionante. O aluno G.H.S. disse que o filme mostra que devemos respeitar as pessoas especiais e tratá-las com respeito. G.H.S é um dos alunos mais empenhados da sala 14. Ele tem um excelente vocabulário, lê e escreve com fluência e percebo que é um aluno referência da turma. Ele está sempre dando conselhos e “denunciando” os alunos indisciplinados. Neste dia, ele disse que os colegas da sala, muitas vezes, gritam ou conversam alto, mesmo sabendo que a K.F.R. é

extremamente sensível a ruídos e começa a chorar quando fazem barulho perto dela. Pude perceber que T.J. O, que na exibição anterior me entregou o comentário escrito com palavras “inventadas”, interagiu com o filme e fez um excelente desenho.

Essa experiência com o filme “Cordas” foi muito boa, pois percebi que os alunos realmente se envolveram com a história a ponto de relacioná-la com a realidade em que vivem. A professora deles, que é mãe de uma criança especial, relatou-me que sentiu que os alunos se envolveram bem mais nessa exibição do que na primeira, com o curta “Histórias da unha do dedão do pé do fim do mundo”. A meu ver isso se deve ao fato da realidade do filme estar muito próxima à realidade deles, que também possuem uma colega especial na sala.

Com esse filme, notei que quando as crianças realmente se envolvem com uma obra de arte, conseguem se emocionar e se sensibilizar. O fato de ser um filme legendado, com áudio em espanhol, totalmente fora dos hábitos fílmicos dos alunos, não foi motivo para impedir a interação deles com a película e propiciar o encontro deles com uma arte que encanta, emociona e faz pensar. Na biblioteca, as crianças desenharam livremente o “olhar delas sobre o filme” e não houve nenhuma tensão, já que os comentários escritos foram extintos.



Figura 7- Meu olhar sobre o filme *Cordas*: aluna A.P.C.



MEU OLHAR SOBRE O FILME:

uma paula eu gostei da parte que passou
o menino galeseu.



Figura 8- Meu olhar sobre o filme *Cordas*: aluna J.V.S.



Figura 9- Meu olhar sobre o filme *Cordas*: aluna T.J.O

4.3. 1ª exibição: Curta *Rua das Tulipas*

29 de agosto de 2014, sexta-feira

A escolha do curta *Rua das Tulipas* não poderia ter sido melhor. O filme traz a história de um grande inventor, Sr. Paulino, acostumado a criar soluções para todos os moradores da Rua das Tulipas, em que reside. Após ver a felicidade de todos seus vizinhos, descobre que ainda faltava a felicidade dele próprio e vai em busca da realização de seus sonhos. A sala 14 adorou o curta, acho que muito pela fotografia do filme, que esteticamente é muito trabalhada. O filme também tem uma trilha sonora belíssima e uma história muito envolvente.

O aluno K.K.A. disse durante o debate que “o único defeito do filme era ser curto”. De acordo com a percepção dele, o curta poderia render mais história e se tornar um longa. Eu expliquei que os curtas são assim mesmo, pequenos, mas nada impede que nossa imaginação dê continuidade. O aluno R.B.S. ressaltou que o invento do qual gostou muito foi o juiz de

futebol robô, inventado por Sr. Paulino para resolver as brigas no campinho da rua. A turma se encantou com as invenções do Sr. Paulino e a criatividade que ele tinha para resolver os problemas dos vizinhos da Rua das Tulipas. O que mais chamou a atenção deles, de acordo com a conversa que tivemos, foi a construção do foguete, tanto que esse foi o desenho que predominou na atividade após o filme. A grande maioria das crianças destacou que o Sr. Paulino tinha um sonho e não desistiu dele. Instintivamente, fizeram associações com as próprias vidas e disseram que assim como o Sr. Paulino, também não podiam desistir dos seus sonhos.

A realização dos desenhos ocorreu de forma bem produtiva.



Figura 10- Meu olhar sobre o filme *Rua das Tulipas*: aluno G.H.S

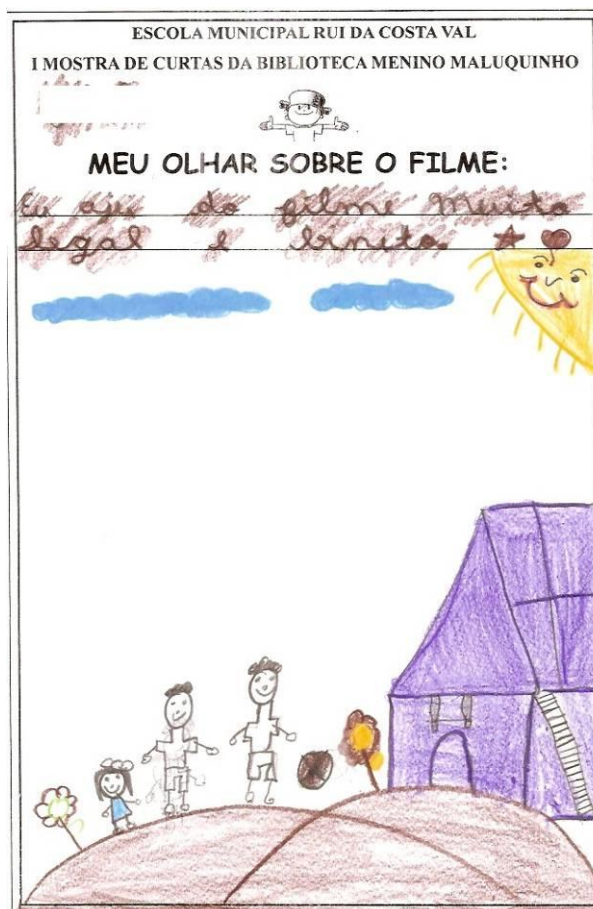


Figura 11- Meu olhar sobre o filme *Rua das Tulipas*: aluna P.C.G.

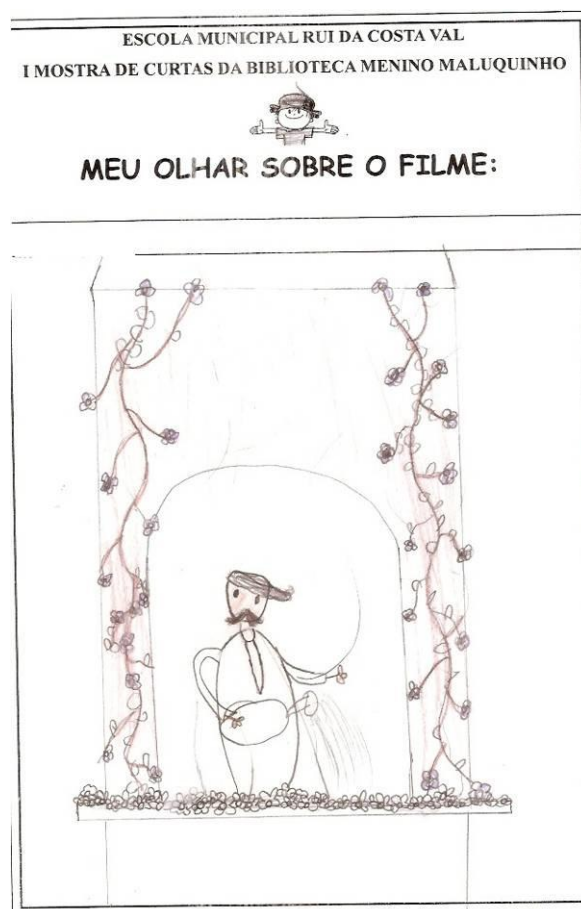


Figura 12- Meu olhar sobre o filme *Rua das Tulipas*: aluna S.N.C

4.4. 1ª exibição: Curta *French Roast (Padaria Francesa)*

19 de setembro de 2014, sexta-feira

A exibição do curta *French Roast* foi antecedida de muita apreensão de minha parte. Fiquei preocupada com possíveis dificuldades de compreensão. O filme tem pouquíssimos diálogos e áudio em francês, sem legendas.

A história gira em torno de um homem sentado na mesa de um café. Quando o garçom entrega a conta, o homem percebe que não tem dinheiro para pagar. O que dá início a uma série de acontecimentos cômicos.

No dia da exibição desse curta, tive alguns problemas de logística, visto que uma das coordenadoras do turno da tarde pediu que eu cedesse meu horário na sala, que estava previamente agendado, para outro professor. Neste dia, mais de um professor faltou e a coordenação precisava usar aquele espaço nos três primeiros horários para organizar o horário

das turmas. Como foi a primeira vez que um incidente como esse aconteceu comigo, resolvi ceder o horário do meu projeto na sala de vídeo.

Sendo assim, conversei com a professora da turma do projeto e resolvemos levar as crianças para sala de vídeo no último horário, que começa às 16h20min horas, depois do recreio, pois era o único horário disponível.

Como já mencionado, desde o início, eu e a professora decidimos que as sessões e atividades seriam realizadas sempre no primeiro horário, após a entrada das crianças na escola. Isso porque nesse horário estão geralmente mais tranquilas, sem a agitação de depois do recreio e depois da aula de educação física. Mesmo assim, até para não atrasar o cronograma do projeto, nós resolvemos ir. E lá fomos nós. Ao chegar à sala de vídeo, as crianças realmente estavam mais agitadas e barulhentas. Foi necessário cerca de 10 minutos para que eu e a professora conseguíssemos organizá-los na sala. Quando apresentei o filme que seria exibido, eu o rebatizei como *Padaria Francesa*. Eu mesma criei esse título, embora ache que não seja a tradução literal do título. Considerei que seria melhor para os alunos dar um nome em português, para que eles pudessem falar e comentar sobre o curta sem nenhum impedimento. Quando o filme começou, as crianças já estavam bem mais calmas e concentradas. Durante a exibição percebi que, ao contrário do que tinha imaginado, as crianças não tiveram nenhuma dificuldade para entender o filme. Eu percebi que elas se divertiram, porque durante a exibição deram risadas muitas vezes.

O debate após o filme foi muito interessante. O que realmente os impressionou foi o fato da personagem da velhinha inofensiva ser, na verdade, uma ladra. Muitos alunos salientaram o fato do mendigo ter ajudado o homem pagando sua conta. O aluno G.H.S. refletiu que não se pode julgar os outros pela aparência, pois essa é enganosa. De forma geral, a discussão sobre o filme foi bem produtiva e quase todas as crianças presentes levantaram a mão para fazer algum comentário sobre o filme.

O grande problema é que no final da exibição do curta e da discussão sobre ele já estava quase na hora de bater o sinal para encerrar o turno da tarde e as crianças irem para casa. Quando chegamos à biblioteca para fazer a atividade, o relógio já marcava 17h00min horas e o sinal para liberar os alunos, soa às 17h20min. Eles começaram a fazer os desenhos, mas dez minutos depois tiveram que parar. Então recolhi os desenhos e a atividade foi encerrada na segunda-feira, quando o frescor do filme já tinha passado. Na segunda-feira, muitas crianças da sala 14 não foram à aula devido a uma excussão com o programa Escola Integrada, que durou o dia todo. Ou seja, somente os alunos que não frequentam esse

programa puderam terminar os desenhos. De modo geral, os desenhos produzidos não estabeleceram um diálogo com o filme tão bom quanto os outros. Penso que isso aconteceu por causa desse espaço de um fim de semana entre a exibição do filme e realização da atividade.

OBS.: A partir desse dia o aluno K.C.B. passa a integrar o projeto. Ele foi remanejado para sala 14 devido a problemas de comportamento na sala 15, em que havia iniciado o ano.

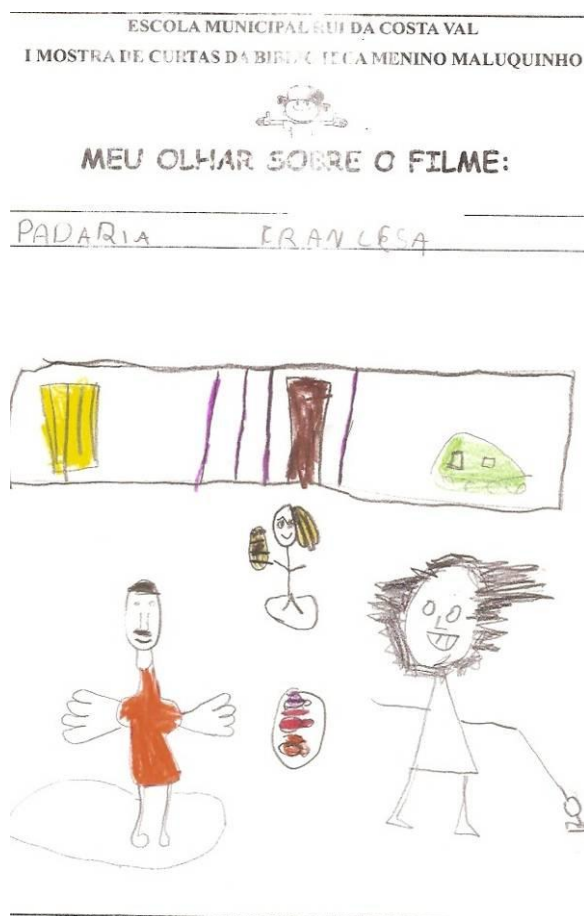


Figura 13 - Meu olhar sobre o filme *French Roast (Padaria Francesa)*; aluno G.H.S

ESCOLA MUNICIPAL RUI DA COSTA VAL
I MOSTRA DE CURTAS DA BIBLIOTECA MENINO MALUQUINHO



MEU OLHAR SOBRE O FILME:



Figura 14- Meu olhar sobre o filme *French Roast (Padaria Francesa)*: aluna A.C.O

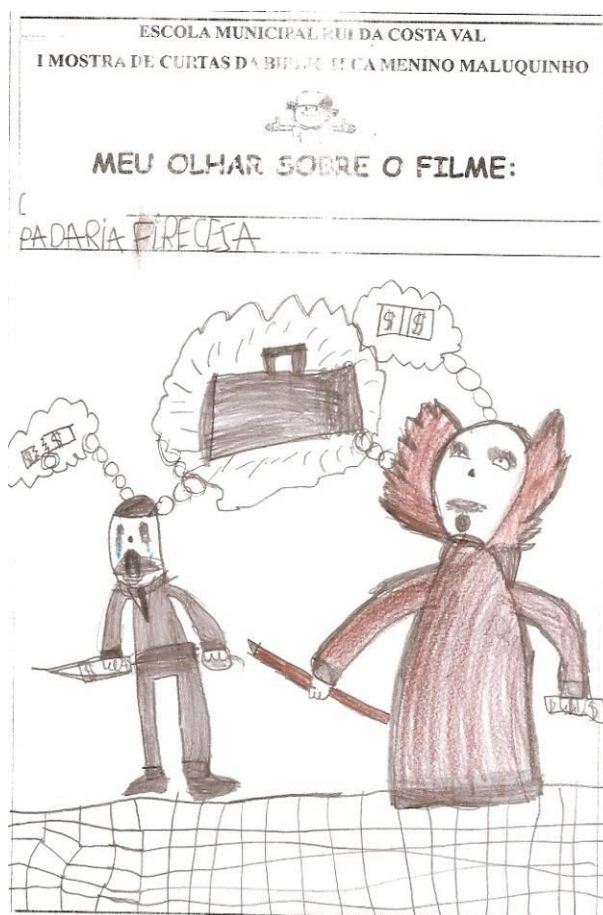


Figura 15- Meu olhar sobre o filme *French Roast (Padaria Francesa)*: aluno M.L.S

4.5. 1ª exibição: Curta *Os fantásticos livros voadores do Sr. Morris Lessmore*

31 de outubro de 2014, sexta-feira

A exibição do curta *Os fantásticos livros voadores do Sr. Morris Lessmore* não foi uma exibição inédita para boa parte dos alunos, pois no ano passado eu trabalhei esse curta na semana do livro infantil com todas as turmas da escola, obtendo muito sucesso entre as crianças. O filme *Os fantásticos livros voadores do Sr. Morris Lessmore* inspirou um livro homônimo que faz muito sucesso na biblioteca.

Então, logo que anunciei o filme que iríamos assistir os alunos já sabiam de que curta se tratava e mencionaram o livro com o mesmo título. Eu ainda expliquei a eles que, nesse caso, o filme foi tão bem-sucedido nas bilheterias e ganhou tantos prêmios, inclusive um Oscar, que inspirou a criação do livro.

No dia dessa exibição, a filha da diretora da escola estava na sala 14 e foi assistir ao filme com os alunos. Notei uma nítida alteração no comportamento deles devido à presença da garota. A filha da diretora é uma menina da mesma faixa etária deles e costuma ir à escola com frequência. Ela é muito admirada pelos alunos por sua simpatia e jeito extrovertido. Apesar desse fato novo e da alteração comportamental das crianças percebi que elas gostaram do curta e ao longo dos 15 minutos de exibição fizeram alguns comentários entre si. Logo após a exibição, a filha da diretora foi embora e não participou das atividades posteriores.

O debate após o filme foi cercado de muitas observações. Os alunos falaram sobre o carinho do Sr. Morris Lessmore com os livros e o cuidado que ele tinha com eles. A aluna A.P.C. disse que gostou muito quando o Sr. Morris Lessmore chamou um livro que estava “doente” para cuidar dele e depois o livro voltou para a estante “curado”. Diversos alunos disseram que o filme retrata a importância da leitura na vida das pessoas. Alguns lembraram que antes de ser levado para a biblioteca, o Sr. Morris Lessmore era triste e solitário, e depois fez amizade com os livros e sua vida tornou-se mais feliz. Alguns alunos me perguntaram se o Sr. Morris Lessmore morre no final e eu respondi que achava que sim, e que ele conseguiu escrever suas memórias, e, portanto, talvez isso o tivesse tornado uma espécie de “imortal”, já que sua história estava registrada e poderia ser conhecida por quem quisesse para sempre.

O único problema foi que não deu tempo de elaborar os desenhos naquela sexta-feira, então eles tiveram que desenhar na segunda. Da mesma forma que o *French Roast*, senti uma conexão menor entre os trabalhos dos alunos e o filme exibido, provavelmente pelo intervalo maior entre a exibição e a produção dos estudantes.



Figura 16- Alunos assistindo a primeira exibição do filme *Os fantásticos livros voadores do Sr. Morris Lessmore*



Figura 17- Meu olhar sobre o filme Os fantásticos Livros voadores do Sr. Morris Lessmore: aluna A.P.C

4.6. 2ª exibição: Curta *Histórias da unha do dedão do pé do fim do mundo*

06 de novembro de 2014, quinta-feira

Hoje, fiz a primeira sessão de repetição da mostra de curtas, reexibindo o curta *Histórias da unha do dedão do pé do fim do mundo*. Os alunos já estavam cientes que a partir de agora vão assistir aos filmes pela segunda vez, com uma nova proposta de trabalho: o registro do olhar deles será feito de forma escrita. Depois da primeira exibição do curta *Histórias da unha do dedão do pé do fim do mundo* e de perceber a dificuldade dos alunos em escrever o comentários sobre o filme resolvi pedir somente o desenho. Nessa segunda fase do projeto senti a necessidade de alterar esse processo, não somente para ter registros escritos da experiência fílmica deles, mas também para tentar ajudá-los na produção de textos. Antes de passar o filme eu e a professora já havíamos conversado com os alunos sobre o relato escrito. Devido à grande dificuldade de escrever que eles possuem, eu e a professora mudamos de

estratégia e resolvemos que as crianças trabalhariam em dupla, de modo que em cada dupla tivesse uma criança que soubesse escrever com mais facilidade. Assim, uma criança falava sobre o filme e a outra colocava no papel as ideias dela própria e de seu par.

Durante essa exibição, os alunos gostaram muito do filme. Parece que nessa segunda vez, eles ficaram mais “conectados” com o filme do que na primeira. No debate as crianças relataram praticamente as coisas que haviam surgido na primeira conversa. Falaram sobre a brincadeira com as letras e como o menino se divertia com elas.

Quando fomos para a biblioteca fazer a atividade, as duplas já tinham sido organizadas pela professora. Percebi que a professora se mobilizou muito mais nessa segunda fase do projeto, e acredito que isso aconteceu porque ela, assim como eu, já previa que os alunos tivessem mais dificuldade e resistência para desenvolverem a atividade escrita. Eu pedi, como da primeira vez, um comentário simples, de três a cinco linhas, para não ficar cansativo para eles, já que mesmo os alunos que escrevem demonstraram certa resistência de fazer o registro escrito. A produção escrita em dupla fluiu de forma bem mais interessante do que a individual. Eu percebi que os alunos que possuem dificuldade para escrever realmente interagiam com o par, dando opinião sobre o filme e ditando aquilo que eles queriam que fosse mencionado no comentário. Quem estava incumbido de escrever colocava não apenas as ideias do parceiro, mas também as suas próprias no papel. Eles conversavam baixo entre si e o diálogo entre eles não prejudicava a produção. Quando os alunos terminavam o registro escrito, eles podiam fazer a leitura de livros e revistas.

Observei que essa atividade, diferentemente da primeira, não foi exaustiva para as crianças. Elas praticamente não reclamaram. Acredito que gostem de trabalhar em dupla e qualquer atividade realizada dessa forma trará um resultado muito mais positivo.



Figura 18- Alunos assistindo à segunda exibição do curta *Histórias da unha do dedão do pé do fim do mundo*



Figura 19- Alunos realizando atividades na Biblioteca Menino Maluquinho depois da exibição do curta *Histórias da unha do dedão do pé do fim do mundo*



Figura 20- Alunos lendo livros após a realização das atividades

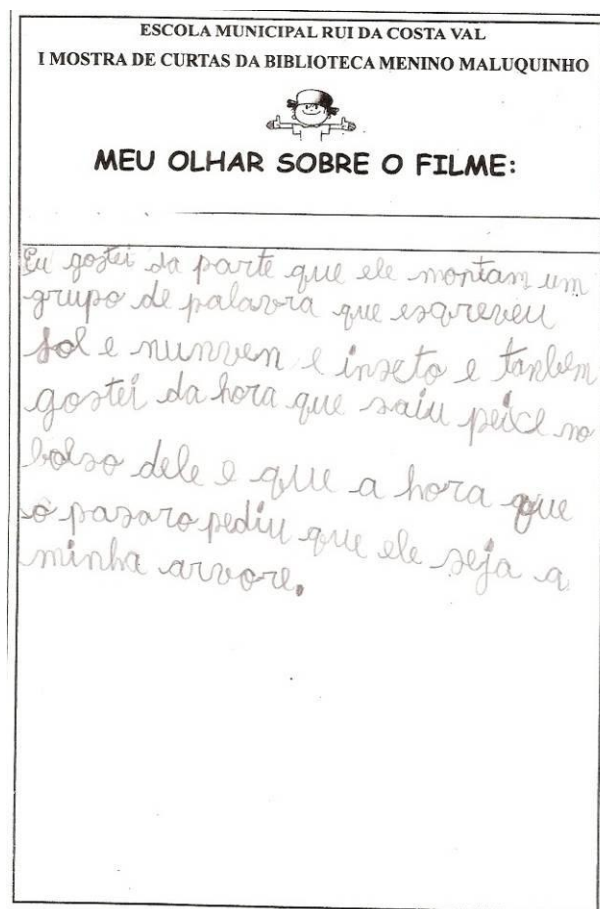


Figura 21- Meu olhar sobre o filme *Histórias da unha do dedão do pé do fim do mundo*: comentário escrito da dupla de alunos P.J.P. e D.G.G

4.7. 2ª exibição: Curta *Cordas*

14 de novembro de 2014, sexta-feira

Na segunda exibição do filme *Cordas*, os alunos interagiram com o filme tanto quanto na primeira. Eles assistiram ao filme com olhar atento, salvo algumas exceções. O aluno A.C.J. conversava insistentemente com seu colega L.F.B. e a professora colocou A.C.J. para sentar na última fileira de cadeiras, no fundo da sala, separado de seus colegas. Novamente pude perceber a sensibilidade do curta através do olhar de emoção de muitas crianças.

Durante o debate, os alunos falaram em sua grande maioria que o filme era emocionante. A aluna A.P.C. destacou que Maria tornou-se professora devido à relação de afeto que teve com o menino na infância e que ela gostava tanto dele que passou a usar uma corda nos pulsos como símbolo da amizade. Os comentários de maneira geral foram bem

parecidos com os da primeira exibição. Giraram em torno do respeito às diferenças e da amizade entre Maria e o menino.

Nesse dia a aluna K.F.R, cadeirante, que estuda na sala 14, foi à aula, mas como de costume não participou da exibição. Ela ficou na biblioteca acompanhada de sua monitora de inclusão. O aluno D.G.G. afirmou que gostou do filme, mas que o achou muito triste porque o menino morreu.

Na hora de desenvolver o comentário escrito, as crianças, já na biblioteca, sentaram-se em dupla e começaram a trabalhar. A aluna T.J.O. que ainda não escreve sentou-se com sua colega Paola e foi relatando para ela suas ideias sobre o filme. Quando terminaram, T.J.O me entregou a atividade e falou: “Professora, nós fizemos sete linhas, tem importância?” Demonstrando certo orgulho de terem feito mais do que o solicitado.

Na medida em que iam terminando os comentários, as crianças me pediam folhas brancas para desenhar ou iam ler livros e revistas. Foi um dia muito produtivo.



Figura 22- Alunos assistindo à segunda exibição do curta *Cordas*

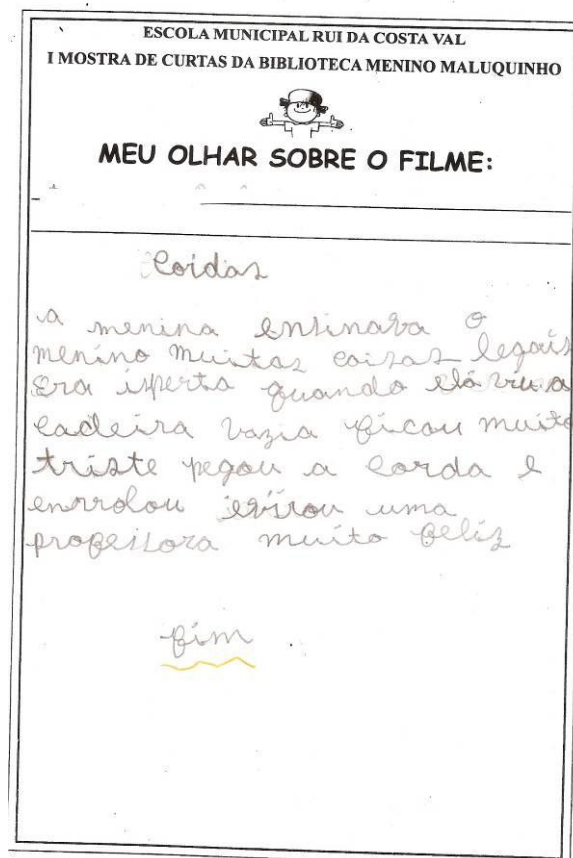


Figura 23- Meu olhar sobre o filme *Cordas*: comentário escrito da dupla de alunas T.J.O. e P.C.G.

4.8. 2ª exibição: Curta *Rua das Tulipas*

20 de novembro de 2014, sexta-feira

A segunda exibição do curta *Rua das Tulipas* foi mais interessante do que a primeira. Logo quando anunciei qual filme seria reprisado, os alunos fizeram a associação com o filme do 'foguetes'. Senti que o curta “Rua das Tulipas” e o “Cordas” foram os que as crianças mais gostaram. Eles assistiram com muita atenção, porém os alunos A.C.J e L.F.B ficaram conversando o tempo todo e chegaram a ir para sala dos computadores, que é acoplada à sala de vídeo.

Durante as discussões, os alunos ressaltaram que o Sr. Paulino realizava todos os inventos para satisfazer as pessoas da rua, no entanto, ele próprio tinha o grande sonho de

viajar para o espaço. De modo geral, os comentários foram bem parecidos com os da segunda exibição. Eu notei as crianças muito atentas a tudo o que acontecia na tela e na hora do foguete, vibraram muito. Esse filme realmente tem o poder de prender a atenção das crianças. Pela primeira vez, houve aplausos. Ao final da exibição, toda turma ovacionou.

A realização dessa atividade aconteceu na sala de aula e não na biblioteca como de costume, porque quando o filme terminou, a biblioteca estava ocupada.

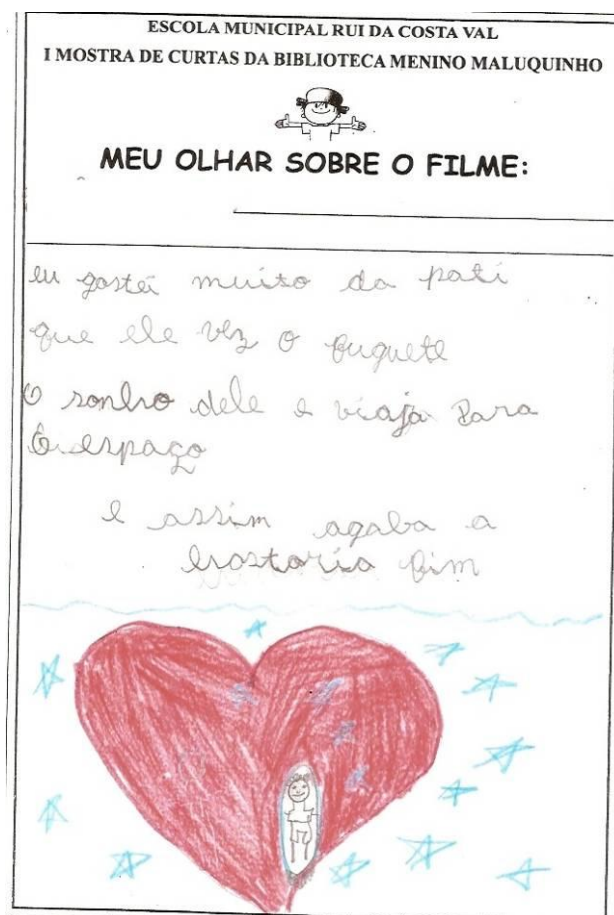


Figura 24- Meu olhar sobre o filme *Rua das Tulipas*: comentário escrito da dupla de alunas P.C.G. e N.G.S.

4.9. 2ª exibição: Curta *French Roast (Padaria Francesa)*

03 de dezembro de 2014, sexta-feira

Devido a diversos acontecimentos na escola: eleição de diretores, assembleia e provas externas tivemos que ficar duas semanas sem exibições. Hoje, então, levei os alunos para

assistirem ao curta *French Roast (Padaria Francesa)* na sala de vídeo. Como de costume, fomos no primeiro horário para aproveitar a tranquilidade das crianças e a disposição delas para assistir e escrever. Mas ao contrário do que imaginei, os alunos estavam muito agitados e demorou muito para que todos tomassem seus lugares na sala. E depois que se sentaram, demorou para que me ouvissem.

Antes da exibição, eu expliquei que o curta *Padaria Francesa* seria exibido pela segunda vez. Logo que falei os alunos se manifestaram e falaram que se lembravam do filme. A aluna Armanda foi a primeira que falou que o filme era sobre um mendigo que ajudava um homem a pagar as contas. O aluno K.C.B. disse que o filme era sobre o homem que não queria dar esmolas ao mendigo. E depois o mendigo ajudava o homem a pagar as contas e ainda sobrava troco. E muitos alunos relataram que o filme era sobre o ladrão que usava máscara de uma velhinha para se disfarçar.

Durante a exibição, houve muita conversa paralela e pouca concentração por parte de um grupo de quatro ou cinco alunos. O aluno A.C.J. ficou o tempo inteiro na porta que liga a sala de vídeo à sala de informática, observando os alunos que lá estavam e quase não prestou atenção no filme. O aluno L.F.B. também estava disperso, como de costume. O restante assistia ao filme e, vez ou outra, fazia algum comentário sobre a obra ou se dispersava conversando ou provocando um colega.

Depois da exibição, iniciamos o debate e a participação dos alunos fluiu bem. O aluno G.H.S. relatou que gostou muito do filme e que o curta mostra que não se deve julgar os outros pelas aparências. O aluno L.F.B. que é um dos mais agitados e contestadores da turma manifestou-se descontente com a exibição do curta. Foi a primeira vez que houve um comentário negativo em relação às exibições. Ele não quis explicar os motivos, embora eu o tenha deixado bem à vontade para dizê-lo. L.F.B poucas vezes prestou atenção nas exibições. Ele está sempre conversando e praticando atos de indisciplina com os colegas A.C.J. e I.N.S. Ele gosta de fazer o que quiser sem ser repreendido. Como a professora dele cobra disciplina durante as exibições, acredito que tenha se irritado com isso e não com o filme propriamente. Mas não posso ter certeza. Se tivesse me dito ou escrito os motivos pelos quais não gostou, eu teria entendido melhor.


Na biblioteca, as crianças se manifestaram um pouco cansadas para fazer o comentário escrito. Essa semana, estão fazendo as últimas provas do ano e talvez por isso estejam menos propensos a escrever. A eleição para direção e os compromissos do final do ano mudaram o clima na escola, deixando alunos e professores mais “eufóricos”. Hoje percebi que isso, de

incerta forma, prejudica o olhar mais cuidadoso para o cinema. A atividade na biblioteca foi realizada como de costume.



Figura 25- Alunos assistindo à segunda exibição do curta *French Roast (Padaria Francesa)*

ESCOLA MUNICIPAL RUI DA COSTA VAL
I MOSTRA DE CURTAS DA BIBLIOTECA MENINO MALUQUINHO



MEU OLHAR SOBRE O FILME:

Eu gostei do filme porque tinha muita coisa engraçada quando a velha foi ao banheiro e ele achou a máscara da velha e ela falou que não podi e foi em bora.

Figura 26- Meu olhar sobre o filme *French Roast (Padaria Francesa)*: comentário escrito da dupla de alunos M.L.S. e P.J.P.

4.10. 2ª exibição: Curta “Os fantásticos livros voadores do Sr. Morris Lessmore”/

Encerramento do projeto

04 de dezembro de 2014, sexta-feira

A segunda exibição do curta *Os fantásticos livros voadores do Sr. Morris Lessmore* marcou o encerramento da 1ª Mostra de curtas da Biblioteca Menino Maluquinho. Devido à escassez de tempo resolvemos realizar as duas últimas exposições em dois dias seguidos da mesma semana (quinta e sexta).

A exibição transcorreu tranquila, com alguns alunos dispersos, conversando e rindo entre si. No debate, a maioria dos alunos da sala quis se manifestar seu ponto de vista sobre o filme. Na biblioteca, eu pedi um comentário diferenciado: a sugestão é que eles escrevam sobre o que acharam do projeto, qual filme do projeto e mais gostaram e fizessem um desenho sobre isso. Essa atividade foi individual. Os alunos que não escrevem puderam fazer somente o desenho do filme do qual mais gostaram.

Ao final do último encontro, eu agradei aos alunos e à professora pela participação no projeto durante todos esses meses e distribuí um cartão com os dizeres: “Obrigado por ter participado do projeto e dos trabalhos lindos que você produziu. Lembre-se: o cinema não tem limites. É um fluxo constante de sonhos e aprendizados!!!” Juntamente com o cartão, entreguei um pacote de bala de goma para cada um dos alunos. Também dei uma lembrança para a professora: uma caixa com dois DVDs: os desenhos animados *Rio 2* e *Um time show de bola*. Vários alunos se manifestaram dizendo que foi muito bom participar desse projeto e que sentirão saudades de mim no ano que vem, quando estudarão no turno da manhã. Disseram que gostaram muito dos curtas integrantes da mostra. A aluna L.V.P. relatou em seu comentário escrito, o seguinte: “eu gostei muito do projeto porque vi muitos filmes e o filme que eu mais gostei foi o filme *Cordas*”.

Infelizmente, devido à escassez de tempo, não foi possível realizar uma última sessão com um filme escolhido pelos alunos. O catálogo da mostra com as produções dos alunos também não pôde ser realizado devido à falta de tempo hábil para captar recursos junto à direção da escola e preparar a edição. Tenho todos os trabalhos armazenados corretamente para uso posterior. A maioria dos alunos vai permanecer na escola, então pretendo retomar essa questão o ano que vem, editando e distribuindo alguns exemplares. Também é do meu interesse realizar mostras anuais de cinema na escola, com novos formatos, novas temáticas e

com alunos de outras faixas etárias. Sinto que esse projeto fluiu muito bem e alcançou os resultados esperados. Eles realmente obtiveram um conhecimento de novos padrões estéticos através da exibição de filmes, desenvolveram a sensibilidade artística e foram estimulados a criarem e se expressarem através dos debates e das produções dos desenhos.



Figura 27- Alunos assistindo a segunda exibição do curta *Os fantásticos livros voadores do Sr. Morris Lessmore*

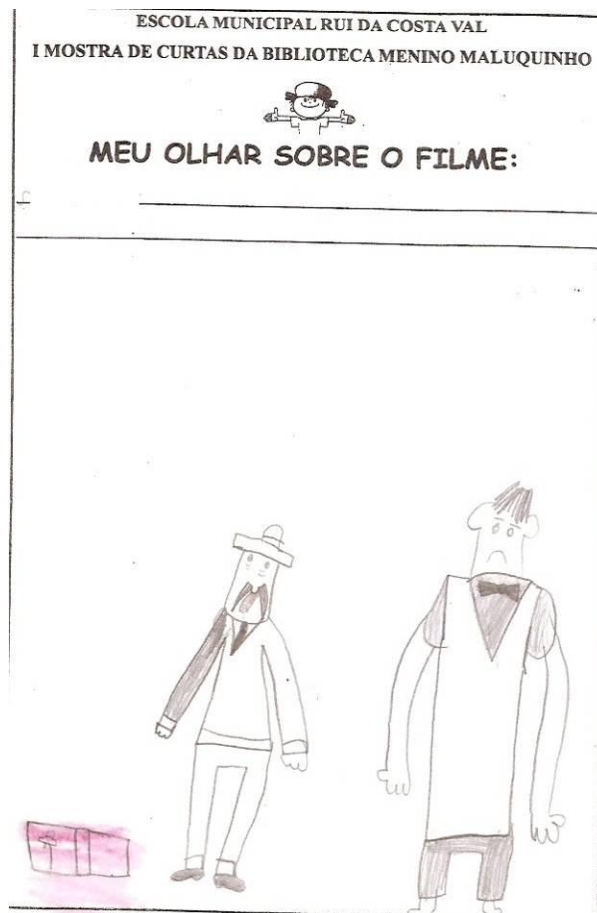


Figura 28- Atividade de encerramento: aluno M.L.S. fez o desenho do curta de que mais gostou, *French Roast* (*Padaria Francesa*)

5. AVALIAÇÃO

5.1. Primeira fase

Percebi que a professora, bem como os alunos da sala 14, envolveu-se de uma forma bem interessante no projeto, o que não chegou a ser uma surpresa, já que eu e a professora já tínhamos o histórico de fazer essa parceria sala de aula-biblioteca. Mas ainda assim me surpreendi com a entrega dos alunos e da professora deles. De certa forma, percebi que tanto para a professora quanto para os alunos aqueles momentos de projeto na biblioteca eram um momento mais lúdico, de mais prazer e contentamento do que na sala de aula.

Em todas as exhibições eles se mostram curiosos sobre o que iriam assistir e mesmo os alunos mais indisciplinados se mostravam abertos ao debate após o filme. Notei que eles pareciam mais atentos aos filmes da mostra do que quando assistem a outros filmes, penso que, por serem filmes de estéticas diferenciadas, a grande maioria dos alunos se empenhava para acompanhar o que se passava no filme e nos detalhes das histórias.

Durante a mostra de curtas-metragens notei que todos os filmes escolhidos foram muito bem recebidos pela turma. Em relação, a primeira exibição do *Histórias da unha do dedão do pé do fim do mundo*, que inicialmente me causou a impressão de ter sido uma má escolha acabou se tornando o estopim para preocupações que antes não eram contempladas no meu projeto, como por exemplo, a alfabetização e o letramento. Proporcionar aos alunos acesso a essas obras e ver que eles riram, emocionaram-se e discutiram sobre elas, mostra o quão dispostas essas crianças podem estar para receber filmes além da Disney e dos grandes estúdios de Hollywood.

O poder de interpretação das imagens e sons e da correlação com o cotidiano se fez presente em todas as discussões sobre os filmes, o que demonstra o quanto eles se vêem na tela e como eles dialogam com o outro representado na tela. O fato de algumas crianças terem dificuldades com a escrita e a leitura não impossibilitou que eles assistissem com atenção e interagissem com obras legendadas como os curtas *Cordas* e *French Roast*. O que revela o caráter sensível e imagético da sétima arte.

No curta *Cordas*, observei claramente a emoção despertada pela amizade entre Maria e o menino com paralisia cerebral. Ficou evidente, a sensibilidade infantil e a relação que eles mantiveram depois com a colega de turma, que também tem paralisia cerebral. Não vi nenhum aluno chorando, mas, notei que em certo momento, alguns olharam para a professora e viram as lágrimas no olhar dela. Esses alunos, que estão há dois anos com a mesma

professora e que sabem que ela tem uma filha especial, certamente, perceberam os motivos daquelas lágrimas. Penso que naquele momento, mesmo com a inocência de crianças na faixa dos 9 a 10 anos de idade, enxergaram a pessoa, além da profissional. Perceberam que aquela pessoa que está ali todos os dias cobrando tarefas, ensinando, chamando atenção, dando bronca e distribuindo afetos, também é uma ser humano que sofre com as situações da vida, que se emociona, que se sensibiliza. Tal qual como eles, como a mãe deles ou qualquer outra pessoa com quem se identifiquem. Não que eu pense que seja interessante ou recomendável que os professores devam chorar ou se mostrar fragilizados perante os alunos, mas ali, naquela situação específica e espontânea, a emoção da professora pode ter mexido com a emoção dos alunos e pode ter afetado positivamente a forma como enxergam a profissional.

Outro curta que me chamou atenção em relação ao olhar dos alunos foi o *French Roast*. A situação de humor, em tom de crítica social, provocada a partir de um senso comum (os pobres são escórias da sociedade e todas as velhinhas são boas senhoras acima de qualquer suspeita) foi captada pelas crianças, que deram inúmeras gargalhadas ao final, mesmo sendo um curta francês, em que os raros diálogos estão em língua francesa. A capacidade de compreensão deles foi além do que eu poderia imaginar.

O fato de não ter tido sucesso com a produção escrita no primeiro momento, fez com que eu alterasse meus planos e captasse o olhar deles somente através dos desenhos nesse primeiro momento. Percebi que eles realmente se sentem muito mais à vontade para desenhar do que escrever. Mesmo os alunos que tem facilidade para ler e escrever demonstra certa resistência para desenvolver textos escritos. Eles sempre querem escrever poucas linhas e não demonstram muita criatividade, chegando a fazer produções parecidas umas com as outras.

A grande diversidade de produções ficou mesmo por conta das ilustrações. Sinto que a grande habilidade deles é o desenho. A diversidade dos desenhos em relação a cores, formas e escolhas das cenas preferidas foi mais rica do que a dos textos escritos. Não houve nenhuma manifestação contrária á realização dos desenhos, porque é uma atividade apreciada por eles. Notei que os alunos, na produção das atividades criativas ficam presos ás regras, e sempre no início, eles me perguntavam se podia usar esse ou aquele material. Também ficavam um pouco presos a manter nos desenhos deles as cores e as formas que eram apresentados nos filmes, muitas vezes recorrendo a mim, para perguntar qual era a cor da roupa de tal personagem. Eu sempre deixei livre, explicando que o desenho era o olhar deles sobre o filme e não uma cópia das imagens que foram vistas.

Também me chamou a atenção o fato das crianças, após terminarem as atividades, pedirem papel branco para desenhar outras coisas, o que mostra o quanto elas gostam de desenho.

Outro fato que chamou minha atenção foi entender que quando a criança não está envolvida, ela não se empenha. Todas as crianças que não se envolveram com o filme também não se envolveram com as atividades, na biblioteca.

Percebi também o quanto é importante para a criança se colocar no papel daquele que emite opinião sobre algum assunto. As crianças, com exceção daquelas que são mais tímidas, em sua grande maioria levantavam a mão várias vezes durante o debate após o filme para emitir suas ideias ou opiniões, ou até mesmo para simplesmente repetir a mesma ideia dita por um colega. A criança gosta de ser ouvida pelos adultos e assume esse protagonismo quando ganha voz. Notei que demonstravam uma satisfação em estar falando sobre o filme para os colegas, para a professora e para a auxiliar de biblioteca.

Outra observação interessante é relativa à memória que as crianças têm daquilo que foi visto há alguns dias. Notei que os desenhos que, por algum motivo, eram feitos dois após a exibição do curta eram menos criativos e, às vezes, não traziam relação aparente com o filme exibido. Isso deixa evidente a importância do trabalho ser planejado de forma que mantenha uma sequência temporal adequada, para melhor aproveitar a capacidade de correlação dos estudantes.

5.2. Segunda fase

A realização deste trabalho possibilitou a reflexão e a ampliação de conceitos e conhecimentos referentes ao cinema e sua relação com a educação. O que era inicialmente um plano de trabalho com o objetivo de educar o olhar para novos tipos de filmografia acabou se tornando também mais um aliado em uma das tarefas mais árduas e gratificantes na carreira de um educador: favorecer o letramento através da promoção da arte dentro da escola.

Letramento é diferente de alfabetização, porque representa uma inserção do indivíduo no multifacetado universo dos gêneros textuais existentes na sociedade. Segundo Magda Soares, “letramento é o resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais da leitura e escrita” ou ainda “o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais”. O trabalho que leva crianças à produção tanto de textos escritos como imagéticos é uma atividade de letramento,

uma vez que promove uma prática social da escrita, a saber, a escrita ou produção de desenhos como comentários críticos ou registro de experiência sensíveis com filmes .

Ver um filme, discuti-lo, produzir outros textos a partir de uma obra cinematográfica, é uma atividade de letramento altamente elaborada e não deve ser objeto de menosprezo por parte da escola.

Inserir uma criança no mundo das letras, de forma que adquira capacidades de alfabetização e letramento não é fácil. Sobretudo quando se trata de crianças, que muitas vezes só contam com o incentivo da escola para o acesso ao mundo culturalmente letrado. Vários fatores socioeconômicos também podem interferir nesse processo, como por exemplo, a baixa escolarização dos pais, a ausência de uma moradia digna e o capital cultural que a criança traz consigo de casa. Por mais que os educadores se empenhem em suas atividades, a parcela de alunos que por algum desses motivos não alcança os níveis desejados de aprendizado é preocupante e instiga a todos os envolvidos com a educação a buscar novas formas para enfrentar esse desafio e diminuir ou acabar com o abismo que existe entre o saber e o não saber.

Contudo nenhum desses fatores tira a responsabilidade da escola e de seus educadores no comprometimento com a formação intelectual e cultural de seus discentes. Independentemente da bagagem cultural que cada aluno traz consigo e das histórias de vida de cada um, todos tem direito de acesso à cultura e educação e se tornarem pessoas letradas, cientes de seus direitos e comprometidas com a construção de uma sociedade mais justa e igualitária para todos.

Nesse sentido, o desenvolvimento desse plano de trabalho me levou a fazer algumas reflexões sobre esse processo. Percebi que apesar de todo esforço do professor na sala de aula, é necessário o trabalho com projetos que envolvam outras instâncias da instituição para que a criança tenha outras possibilidades de aprendizado, além da sala de aula. Talvez por isso atualmente se valorize tanto na educação, em especial na Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte, onde trabalho, o desenvolvimento da pedagogia de projetos, voltadas para questões mais amplas e que favoreçam o despertar de capacidades dos alunos.

A partir dos problemas com o desenvolvimento dos textos escritos apresentados na primeira exibição do curta *Histórias da unha do dedão do pé do fim do mundo* resolvemos adotar uma nova estratégia nessa segunda fase do projeto. Por sugestão da professora da turma resolvemos que os trabalhos escritos seriam feitos em duplas de alunos, sempre colocando um com mais facilidade de escrever e outro com dificuldade. O aluno com

dificuldade de escrita oralizava suas impressões sobre os curtas e o outro ficava encarregado de escrever o que era falado pelo colega, bem como suas próprias impressões. Foi interessante observar que em dupla, os alunos não hesitaram tanto em escrever os textos. Percebi que, muitos alunos, têm resistência para produzir textos escritos. E também não tem muito desenvolvida a habilidade de produzir textos mais elaborados. Mas de modo geral, eles gostam de estar em dupla e poder conversar livremente sem ser repreendidos durante uma atividade em que o diálogo era tão importante quanto à escrita. Foram poucas, porém algumas vezes, eu ou a professora tivemos que intervir em situações em que a dupla tinha divergências de opinião e brigavam porque um não concordava em escrever o que o outro estava falando.

Foi nessa segunda fase que percebi o quanto as exibições tinham deixado suas impressões sobre as crianças. Sempre que eu anunciava o filme, alguém mencionava alguma coisa que se lembrava sobre ele. Ao contrário do que previa, eles não ficaram mais agitados por estarem assistindo um filme pela segunda vez.

5.3. Conclusões

De acordo com minhas próprias observações, dos comentários dos alunos e de relato da própria professora, o meu objetivo de lançar a “semente” da formação de um gosto fílmico diferenciado dos alunos foi bastante positiva. Eu acabei me tornando, para aquelas crianças, a pessoa que trazia os filmes diferentes do que eles estavam acostumados a ver na escola e até mesmo em casa. Quando, por algum motivo, não era possível fazer a exibição no dia combinado, eles sempre perguntavam para mim ou para a professora se não ia ter “curtas”. Acredito que esse projeto fortaleceu ainda mais o vínculo afetivo que eu tinha com os alunos da sala 14 e não por caso, eles continuaram tão ou mais frequentes do que antes na biblioteca no horário do recreio.

Ofereci para eles além do que o cinema comercial oferece e sinto que fui bem-sucedida, pois os comentários e trabalhos deles, na medida do que foi possível, foram muito positivos. Esse projeto também me ajudou a conhecer esses alunos no que tange a questões de aprendizagem e dificuldades. Eu passei a me sentir mais à vontade para fazer sugestões literárias a partir das dificuldades que eu observava durante o projeto, sem interferir na escolha final deles. O grande desdobramento, desse projeto de educação do olhar, penso que tenha sido sua utilização para se trabalhar a elaboração de desenhos criativos e a produção textual. A própria professora relatou que foi muito bom nesse sentido, porque escrever sobre um filme exige a leitura dos alunos sobre o filme, a organização das ideias e a escrita

propriamente dita. Os alunos que ainda tem dificuldade de escrever foram motivados a participar da atividade fazendo o registro oral para o colega, ou seja, trabalhando também a questão da interpretação do filme e da organização das ideias. Durante a escrita dos textos mesmo os alunos que já escrevem sempre chamavam a mim ou a professora para fazer algum questionamento a respeito da grafia das palavras. Isso, em minha opinião, é muito interessante porque estimula os estudantes e colabora no desenvolvimento de habilidades de interpretação, produção oral e escrita e uso da linguagem não verbal.

Considero como ponto positivo desse trabalho o desenvolvimento dos seguintes aspectos:

- O enriquecimento do repertório fílmico dos alunos, através dessa pequena mostra de curtas-metragens,
- A reflexão sobre temáticas do cotidiano a partir de situações dos filmes;
- Compartilhamento de experiências de sensibilidade e emoção por adultos e crianças;
- o protagonismo infantil, na medida em que as crianças são convidadas a dar opiniões sobre o filme nos debates após as exibições e a socializar as experiências fílmicas com os adultos e os colegas;
- Desenvolvimento da oralidade e da articulação das ideias durante as conversas sobre os filmes;
- Desenvolvimento ou aperfeiçoamento de capacidades criativas, através da elaboração dos desenhos;
- Desenvolvimento da produção textual;
- Menor resistência a produzir textos escritos durante a segunda fase do projeto;
- Atendimento individual dos alunos para esclarecimento de dúvidas em relação à grafia de palavras durante a produção dos textos escritos;
- Atividades de monitoria (alunos com mais facilidade/autônomos auxiliando os que tinham dificuldade);
- Maior procura voluntária da biblioteca pelos alunos do projeto no horário do recreio;
- Maior aceitação dos trabalhos em duplas, na medida em que eles eram incentivados a socializarem suas experiências fílmicas e seus pontos de vista sobre o filme exibido;
- Criação do hábito: nas semanas em que não havia exibições os alunos perguntavam para mim ou para a professora sobre a exibição dos “curtas”

Em um mundo repleto de informação, em que muitos jovens absorvem essas informações sem filtrá-las criticamente, é indispensável que o acesso a artistas capazes de fazer leituras elaboradas do mundo seja facilitado por instituições e mídias de forte penetração social. O cinema é repleto de artistas e obras que podem ajudar à juventude a ter uma visão mais complexa do mundo em que vivem. Por isso, torna-se necessário que a escola, como instituição especializada no atendimento de crianças e adolescentes, contribua na divulgação fílmica e na formação de novos, e capacitados, públicos cinematográficos.

Dessa forma, acredito ter possibilitado aos alunos um encontro inicial com filmes diversificados e de alguma forma isso favoreceu o processo de letramento e desenvolvimento de habilidades criativas deles. Nesse mundo, em que as imagens e os sons são estímulos apresentados às crianças desde o nascimento, é preciso saber quais os que favorecem a melhor inserção desses jovens na sociedade letrada. O cinema pode colaborar inserindo as crianças e os jovens no universo da arte e da criatividade, fazendo com que a reflexão e o compartilhamento de ideias sejam mais fluentes. Obviamente, um projeto com curtas-metragens não pode resolver todos os problemas de alfabetização e letramento, mas é um estímulo nada desprezível. Em suma, o cinema na escola não deve ser apenas um momento de entretenimento, mas um aliado para o alcance do objetivo escolar de levar as crianças e os adolescentes a um desejável patamar cultural e de cidadania.

6. REFERÊNCIAS

DUARTE, Rosália. **Cinema e educação**. 3ª ed.. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. 104p.

FRESQUET, Adriana. **Cinema e educação**: reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e “fora” da escola. Belo Horizonte: Autêntica, 2013, 128 p.

FRESQUET, Adriana (Org.). Dossiê **cinema e educação # 2: uma relação sob a hipótese de alteridade de Alain Bergala**. Rio de Janeiro: CINEAD-LISE-FE/UFRJ, 2011, 124 p.

SILVA, Janice Anterio da Rocha; GOMES, Maria do Carmo (Orgs.). **Jardim Felicidade: várias histórias em uma história**. Belo Horizonte: O Lutador, 2013. 128p.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, 127 p.

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro; LARROSA, Jorge; LOPES, José de Souza Miguel (Orgs.). **A infância vai ao cinema**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. 256p.

7. FILMOGRAFIA

CORDAS (*Cuerdas*). Direção: Pedro Sólis Garcia. Espanha, 2014, 10 minutos.

FANTÁSTICOS livros voadores do Sr. Morris Lessmore, Os (*Fantastic Flying Books of Mr. Morris Lessmore, The*). Direção: William Joyce. Estados Unidos, 2011, 15 minutos.

FRENCH Roast. Direção: Fabrice Joubert. França, 2008, 08 minutos.

HISTÓRIAS da unha do dedão do pé do fim do mundo. Direção: Evandro Salles e Márcia Roth Brasil. Brasil, 2007, 09 minutos.

RUA DAS TULIPAS. Direção: Alê Camargos. Brasil, 2007, 10 minutos.

8. ANEXO A: MODELOS DE AUTORIZAÇÕES



LASEB
Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica

Belo Horizonte, 10 de agosto de 2014.

Prezados (as) pais ou responsáveis,,

A professora **COLOCAR O NOME DA PROFESSORA** desenvolverá, nesta escola, um projeto relacionado a seu trabalho final de curso de Pós-graduação na Faculdade de Educação da UFMG, em convênio com a Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte.

Este trabalho será orientado por professores da UFMG e seu objetivo é o desenvolvimento de propostas pedagógicas que possam enriquecer a aprendizagem dos alunos e o ensino dos professores.

Solicitamos sua colaboração em entrevistas e outros dados necessários ao projeto e autorização para uso de seus relatos, imagens e vídeos no referido trabalho.
Atenciosamente,


Vanessa Sena Tomaz

Coordenadora Geral do Curso

Nome Do aluno (a): _____

De acordo: assinatura dos pais / responsáveis p/ aluno(a)

Faculdade de Educação da UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627 - Sala 1669 - Pampulha - Belo Horizonte - MG - Cep: 31.270-901 - Fone: (031) 3409-6369
Fax: (031) 3409-5311 - laseb@fae.ufmg.br / www.fae.ufmg.br/laseb



LASEB
Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica

Belo Horizonte, 10 de agosto de 2014.

Prezado(a) Diretor(a),

Solicitamos sua autorização para que a auxiliar de biblioteca Ana Paula Soares da Silva Gomes aluno(a) do curso de Especialização em Formação de Educadores para Básica da Faculdade de Educação/UFMG, desenvolva seu projeto de pesquisa nessa instituição, ao longo deste ano.

Esclarecemos que este projeto é orientado por docentes qualificados desta Universidade e consiste em um *plano de ação* relacionado às temáticas do curso e as questões de interesse das escolas da rede municipal de ensino.

Trata-se de um compromisso de retorno a essas escolas, conforme objetivos da parceria entre a FaE/UFMG e a Secretaria Municipal de Educação. Além desse propósito, a consolidação deste projeto constituirá o trabalho final de curso, requisito para a certificação nesta Especialização.

Acrescentamos a esta solicitação um encaminhamento aos pais dos alunos envolvidos no projeto, para que possamos contar com sua adesão e autorização de participação dos filhos em atividades e registros.

Agradecemos por sua colaboração e nos colocamos à disposição para maiores esclarecimentos sobre este curso e os projetos nele desenvolvidos.

Atenciosamente,

Coordenadora Geral do Curso


Vanessa Sena Tomaz

Faculdade de Educação da UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627 - Sala 1669 - Pampulha - Belo Horizonte - MG - Cep: 31.270-901 - Fone: (031) 3409-6369
Fax: (031) 3409-5311 - laseb@fae.ufmg.br / www.fae.ufmg.br/laseb

9. ANEXO B: SINOPSE DOS CURTAS-METRAGENS EXIBIDOS

Histórias da unha do dedão do pé do fim do mundo

É com delicadeza e criatividade que Evandro Salles e Márcia Roth dirigem esta animação *Histórias da unha do dedão do pé do fim do mundo*, baseada em poemas de Manoel de Barros.

Num diálogo lúdico entre textos de Barros e desenhos de Salles, a animação vai construindo imagens e sentidos inusitados e poéticos por meio da brincadeira com as coisas e com as palavras.

Com apoio da Fundação Vale do Rio Doce e do Ministério da Cultura, o vídeo foi apresentado na exposição *Arte para Crianças*, no Museu do Vale do Rio Doce, em 2007, e encanta cada dia mais crianças e adultos.

Fonte: SITE PLATAFORMA DO LETRAMENTO

(<http://www.plataformadoletramento.org.br/acervo-dica-letrada/330/poemas-de-manoel-de-barros-ganham-vida-em-animacao.html>). Acesso em: 22 de julho de 2014.

Link no YOUTUBE:<http://www.youtube.com/watch?v=a-HDwM3jebY>

Cordas

"Cordas" é um curta espanhol que ganhou o Prêmio Goya 2014 na categoria de "melhor curta-metragem de animação". O filme foi inspirado nos filhos do seu criador, Pedro Solís, que tem uma filha muito ligada ao irmão com paralisia cerebral. Uma história comovente e encantadora que fala de valores e sonhos, cativando o espectador do primeiro ao último minuto.

Fonte: PORTAL TV UOL (<http://tvuol.uol.com.br/video/cordas-o-curtametragem-que-esta-emocionando-o-mundo-04024D183666D4C94326>). Acesso em: 15 de julho de 2014.

Rua das Tulipas

O professor Paulino era uma pessoa extraordinária. Na Rua das Tulipas, onde morava, tinha fama de inventar coisas úteis para a vizinhança. Rita ganhou um aparelho que levava seu

cão para passear - quer ele queira, quer não. Já para os meninos que só sabiam brigar no campinho da praça, deu um juiz eletrônico. A vida de Paulino é o fio condutor da animação brasileira Rua das Tulipas, criada por alunos da OZI Escola Audiovisual de Brasília. Visualmente o filme é muito belo, mas é a trilha sonora e seu texto que emocionam.

Fonte: SITE RUA DAS TULIPAS (<http://ruadastulipas.blogspot.com.br/>). Acesso em 18 de julho de 2014.

Link no YOUTUBE: <https://www.youtube.com/watch?v=2qU1Utp-03Y>

French Roast

French Roast é um curta animado criado por Fabrice O. Joubert. O curta foi nomeado para Oscar de Melhor Curta de Animação em 2009. Roast francês é o primeiro curta-metragem de Fabrice O. Joubert, um animador que trabalhou na DreamWorks.

Link no YOUTUBE: <https://www.youtube.com/watch?v=M6M3VrPyFyY>

Os fantásticos livros voadores do Sr. Morris Lessmore

A obra, exibida no Anima Mundi 2013, foi inspirada no ator e diretor Buster Keaton (qualquer semelhança entre ele e o protagonista do curta não é mera coincidência), no furacão Katrina – que destruiu a cidade americana de Nova Orleans em 2005 – e no filme clássico *O Mágico de Oz*.

A partir de uma variedade de técnicas de animação (stop-motion, miniaturas, computação gráfica, animação 2D), o premiado ilustrador William Joyce nos presenteia com seu estilo híbrido. O resultado é um delicioso e sensível uso de cores, sons, gestos e expressões.

Fonte: SITE ANIMA MUNDI (<http://www.animamundi.com.br/imperdivel-os-fantasticos-livros-voadores-do-sr-morris-lessmore/>). Acesso em: 18 de Julho de 2014.

Link no YOUTUBE: <https://www.youtube.com/watch?v=LjkdEvMM5xs>

10. APÊNDICE A : ENCERRAMENTO DO PROJETO – CARTÃO ENTREGUE AOS ALUNOS



Muito obrigada pela participação no projeto e pelos trabalhos lindos que você produziu!!! Lembre-se: O cinema não tem fronteiras nem limites. É um fluxo constante de sonhos e aprendizados!!!

Ana Paula (Bibliotecária)



Muito obrigada pela participação no projeto e pelos trabalhos lindos que você produziu!!! Lembre-se: O cinema não tem fronteiras nem limites. É um fluxo constante de sonhos e aprendizados !!!

Ana Paula (Bibliotecária)



Muito obrigada pela participação no projeto e pelos trabalhos lindos que você produziu!!! Lembre-se: O cinema não tem fronteiras nem limites. É um fluxo constante de sonhos e aprendizados!!!

Ana Paula (Bibliotecária)



Muito obrigada pela participação no projeto e pelos trabalhos lindos que você produziu !!! Lembre-se: O cinema não tem fronteiras nem limites. É um fluxo constante de sonhos e aprendizados !!!

Ana Paula (Bibliotecária)

11. APÊNDICE B: ENCERRAMENTO DO PROJETO – CARTÃO ENTREGUE PROFESSORA

Professora Ana Paula,

A base de toda conquista é o professor
A fonte de sabedoria, um bom professor
Em cada descoberta, cada invenção
Todo bom começo tem um bom professor
No trilho de uma ferrovia... (um bom professor)
No bisturi da cirurgia... (um bom professor)
No tijolo, na olaria, no arranque do motor
Tudo que se cria tem um bom professor
No sonho que se realiza... (um bom professor)
Cada nova ideia tem um professor
O que se aprende, o que se ensina... (um professor)
Uma lição de vida, uma lição de amor
Na nota de uma partitura, no projeto de arquitetura
Em toda teoria, tudo que se inicia
Todo bom começo tem um bom professor !!!

Obrigada pela parceria no projeto, pelo apoio e dedicação nesses cinco anos de convivência!!! Te desejo muita saúde, felicidade e sonhos realizados!!! E lembre-se: O cinema não tem fronteiras nem limites. É um fluxo constante de sonhos e aprendizados !!!

**Ana Paula (bibliotecária)
Novembro de 2014**



**12. APÊNDICE C: CATÁLOGO ILUSTRADO DA 1ª MOSTRA DE CURTAS-
METRAGENS DE ANIMAÇÃO DA BIBLIOTECA MENINO MALUQUINHO**

